

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale D.L. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n.46) art. 1, comma 1, DCB Roma | C/P.A./C/RM/33/2012 | Taxe perçue | Tassa riscossa Roma

Assembleia 2014

**Um mês de
comunhão**

**Entrevista
à Emmaus**

Novas gerações

Muitas ocasiões
para a formação do
«homem-mundo»

Mundo eclesial

A «estratégia»
essencial para os
relacionamentos

Com estes dois trechos extraídos do livro *Jesus Eucaristia, organizado por Fabio Ciardi, recentemente editado pela Cidade Nova, deixamos Chiara introduzir-nos neste «mistério de comunhão», o ponto da espiritualidade que nos acompanhará neste ano*

Que ousadia falar de ti

Jesus Eucaristia, que presunção, que audácia falar de Ti que, nas igrejas do mundo inteiro, recebes as confidências secretas, os problemas escondidos, os suspiros de milhões de pessoas, as lágrimas de felizes conversões, que só Tu conheces, coração dos corações, coração da Igreja. Não o faríamos,



unidade como a Eucaristia. A Eucaristia abre a unidade e dela extrai todo o seu conteúdo: é por meio dela, de facto, que se realiza a consumação da unidade dos homens com Deus e dos homens entre si, da unidade de todo o cosmo com o seu Criador¹.

Jesus, quando me preparava para dizer algo sobre Ti, Eucaristia, creio que o meu coração quase que ardia no peito. De repente percebi o sentido profundo daquilo que estava para fazer: dizer algo sobre Ti, em quatro pobres temas. E o meu desejo seria construir-Te uma catedral.

Agora, verifico que talvez tenha conseguido fazer um mísero altazinho de madeira. Eu não sou capaz de falar de Ti: és demasiado grande.

Li, um dia, que se a Igreja não tivesse a Eucaristia, não teria a força de se elevar para Deus. Por isso, a Eucaristia é considerada o coração da Igreja.

Perdoa, portanto, a minha temeridade. Mas, já que tens a arte de retirar coisas grandes a partir da fraqueza, aqui estão estas páginas, como uma minúscula prenda de amor ao Teu amor sem medida. E usa-as para que as outras pessoas saibam compreender-Te um pouco mais e desencadeiem, com a tua força, a revolução cristã no mundo².

para não faltar ao respeito devido a tão alto, vertiginoso amor, se não fosse porque o nosso amor, que quer vencer todo o temor, deseja ir um pouco mais para além do véu da branca hóstia, do vinho do cálice dourado.

Perdoa a nossa ousadia! Mas o amor quer conhecer, para amar mais ainda, para que não nos aconteça ter que terminar o nosso caminho na Terra sem termos descoberto, ao menos um pouco, quem Tu és. E, além disso, nós devemos falar da Eucaristia. Porque somos cristãos e, na Igreja nossa mãe, vivemos e transmitimos o Ideal da unidade.

E nenhum mistério da fé está tão ligado à

1 De um tema de 4 de outubro de 1976 in C. Lubich, *A Eucaristia*, Cidade Nova, Lisboa 1977, pp. 11-12.
2 De uma conversação de 12 de outubro de 1976; in C. Lubich, cit. p.41

Suíça, Verão de 1976.
Chiara prepara os temas
sobre a Eucaristia.



A presente antologia permite seguir, de modo diacrónico, o caminho percorrido por Chiara. Ela testemunha – através de episódios vivos e concretos, páginas do diário e trechos inéditos de palestras, escritos já publicados mas, talvez, desconhe-

cidos – a descoberta gradual da presença de Jesus Eucaristia na sua vida e na do seu Movimento. «Entraste na minha vida – ouvi-la-emos afirmar – mais que o ar nos meus pulmões, mais que o sangue nas minhas veias». Esta confiança exprime a profunda relação que Chiara soube instaurar, ao longo de toda a sua vida, com Jesus Eucaristia, presença viva, com quem se confidencia como com a pessoa mais próxima, mais íntima, mais amiga.

Eli Folonari, focolarina que viveu com ela mais de cinquenta anos, conta que também a casa em que Chiara viveu nos últimos quarenta anos de vida, parecia ajudar na sua relação com Jesus Eucaristia: «Quando o arquiteto Marabotto projetou a casa de Chiara, desenhou o seu escritório contíguo à capela, colocada no centro, no primeiro andar, para que, também materialmente, estivesse no centro da vida de Chiara. Não só o escritório, mas tudo o resto gira à volta da capela: a sala de jantar, a biblioteca... Chiara aprovou, imediatamente, o projeto. No diário, de 14 de Fevereiro de 1971, escrito quando entrava na nova casa, escreveu assim: “Agradeço-Te, meu Deus, por esta casinha que, através do Movimento, me deste. Vivendo aqui, tam-

bém fisicamente, para onde quer que nos viremos, estamos sempre ao teu lado. É mais fácil pensar em Ti... Tu dás-me a graça da intimidade contigo”. Quando Chiara tinha de escrever o tema do ano ou preparar discursos importantes, a porta que dava para a capela estava sempre aberta: a sua secretária ficava precisamente diante do sacrário, do altar. A porta ficava fechada quando se celebrava a missa, se alguém fazia a visita ou quando recitávamos juntas as orações da noite. Quando havia algum encontro ou quando ia falar, chamava as da casa ou outros que estivessem ali: entrávamos na capela, diante de Jesus Eucaristia, e ela pedia o Espírito Santo. Não pedia nada de especial: pedia que o Espírito Santo a guiasse, a iluminasse, que a fizesse dizer o que devia dizer. Até durante a sua última doença, a sua relação com Jesus nunca diminuiu. Quando, em casa, se movia com dificuldade, com o soro, ao passar perto da capela, espreitava pela porta e dizia simplesmente: “Olá, Jesus”. O seu caminho concluiu-se, precisamente, com Jesus Eucaristia. No dia em que chegou do hospital, celebrou-se a missa no seu quarto, mas não pôde receber a Comunhão porque, naquele momento, não podia engolir. Pudemos dar-lha mais tarde, já poucas horas antes da sua morte, autêntico “viático”, o alimento para a viagem para o Céu¹.

Aquele familiar “Olá, Jesus” é o sinal último de uma relação pessoal que produziu frutos inesperados, capazes de fazer nascer uma comunidade nova e germen de ressurreição na História. [...]

O que nos conta Chiara, portanto, mais do que uma doutrina é uma experiência profunda, pessoal, que soube partilhar: uma narração que se torna “mistagogia”, uma proposta discreta que convence, capaz de envolver o leitor na mesma experiência.

Da introdução do livro *Jesus Eucaristia*, organizado por Fabio Ciardi, ed. Città Nuova, Roma, julho de 2014

¹ Entrevista ao organizador deste volume, Abril de 2014.

Assembleia 2014

Um mês de comunhão

Na conclusão do encontro, que reuniu em Castel Gandolfo quase 500 representantes do Movimento no mundo, pedimos à Emmaus um balanço da experiência feita e quais as novas perspectivas



20 de Setembro. A Emmaus e Jeús na conferência telefónica com as zonas, na conclusão da Assembleia.

Qual foi a experiência mais significativa que a Assembleia deixou para a Obra?

«Parece-me que foi precisamente a experiência de ter trabalhado e tomado decisões em unidade, isto é, ter construído momento a momento, dia após dia, um relacionamento de escuta, de estima recíproca, de confiança, que nos permitiu dizer realmente qualquer pensamento que nos passava pela mente, qualquer opinião favorável ou contrária a uma determinada coisa. Mas sempre com aquele desapego e com aquele amor que depois permitia que todos compreendessem para onde deveria ser direcionada a bússola da própria Assembleia, e qual era a vontade de Deus naquele momento. Portanto, também a decisão que era tomada ou a frase esclarecida era realmente fruto desta comunhão.

Parece-me que esta foi uma experiência que fizemos na Assembleia, mas que depois foi transmitida a toda a Obra no mundo, através dos nossos meios de comunicação, e portanto é uma coisa que já se tornou património da Obra».

Qual foi o momento mais difícil e aquele que te deu mais alegria?

«Pessoalmente o momento mais difícil foi a noite depois da eleição, porque senti que o sim que tinha dado, e que tinha dito com todo o coração, me comprometia numa tarefa que, naquele momento, naquela noite, me parecia superior às minhas possibilidades.

Tinha sempre pensado que o segundo mandato poderia ser mais difícil que o primeiro, logicamente pela idade que avança, mas também porque os desafios que o mundo nos apresenta são cada vez mais difíceis. Contudo, naquela noite, sentia que era uma

coisa que devia enfrentar. E não conseguia dormir sem enfrentá-la diretamente.

Encontrei a paz ao pensar que, apesar de tudo, Deus está presente e dá-nos a sua graça segundo as tarefas que nos confia. Portanto, tenho a certeza que vou ter a ajuda Dele. E senti ainda que, também desta vez, no meu sim, havia o sim de toda a Obra que estava comigo para me apoiar na nova aventura que começava. Esta foi uma experiência pessoal.

Pensando no todo da Assembleia, um outro momento difícil parece-me ter sido perto do fim da eleição das conselheiras e dos conselheiros. A um certo momento senti que começavam a circular, entre os participantes na Assembleia, raciocínios ou ideias que me pareciam não vir realmente do amor, da inspiração de Deus, mas de considerações humanas, do desejo de afirmação de um ou de outro, da atenção particular a suscetibilidades humanas de alguém. E então, naquele momento, tive realmente a impressão de que a Assembleia estava a correr um perigo: o perigo de que se infiltrasse uma semente de divisão. E senti que a única que podia bloquear este perigo era Nossa Senhora. Senti que, mais uma vez, era ela que deveria esmagar estas serpentes e que a única coisa a fazer era rezar. Assim, pedi-lhe que nos ajudasse. E, de facto, depois as coisas felizmente resolveram-se, com a alegria de todos, mesmo se talvez para alguém tenha significado ultrapassar um momento difícil».



O que pensas da participação conjunta que acompanhou a preparação e a realização da Assembleia?

«Penso que se inaugurou um estilo novo, desde a preparação, porque se quis que todos os membros da Obra estivessem ao corrente sobre quais iriam ser os assuntos tratados na Assembleia e que, além disso, participassem com outras propostas. E quis-se também que esta participação conjunta chegasse na sua totalidade aos participantes na Assembleia. Sem dúvida de maneira elaborada, resumida pela Comissão preparatória - que trabalhou durante um ano sobre estes temas - sem que nada daquilo que foi mandado fosse menosprezado.

Para além do documento sobre o qual se



trabalhou na Assembleia, tudo o que chegou de todas as zonas do mundo está à disposição do novo Centro da Obra, do novo Conselho geral, precisamente para que tudo o que foi produzido por todos seja posto em comum com todos e sirva para a construção da Obra, como hoje o povo de Chiara deseja que seja.

Este modo de fazer, que foi iniciado já na



26 de setembro. A Assembleia é recebida em audiência pelo Papa Francisco



dirigentes que me acompanha é novo: de 32 pessoas, só oito daquelas precedentes foram reconfirmadas, por isso, há uma grande novidade, é um grupo mais jovem, mais internacional. Portanto, vê-se uma coisa nova, não só se sente interiormente, mas vê-se também externamente.

preparação e que depois se manifestou como positivo também na Assembleia – porque tudo o que fizemos naqueles dias foi fruto de comunhão –, parece-me ser uma coisa que permanece, porque esta experiência não se limitou à Assembleia, pois através dos meios de comunicação foi transmitida ao mundo inteiro. E sentimos que não se tratava só de receber notícias e de saber o que acontecia, mas era uma verdadeira participação de um ponto ao outro da Terra naquilo que se vivia na Assembleia, e que cada decisão era partilhada, não só por 500 pessoas, mas por toda a família espalhada no mundo. E isto garante um caminho seguro».

Emmaus, imediatamente após a eleição, disseste várias vezes que é tudo novo. Como é a nova Emmaus?

«Talvez só descobramos a novidade deste novo período quando ele terminar. De qualquer modo, disse e sinto profundamente que será assim, quanto mais não seja porque o corpo de

Mas aquilo que sinto que mudou é que esta presença de pessoas mais jovens, que provêm de várias partes do mundo, no Centro da Obra, indica uma mudança da própria Obra, isto é, indica que não se espera mais o “lá”, as indicações do Centro, mas que em todas as partes do mundo a Obra quer ser protagonista, e é protagonista do seu crescimento e do seu desenvolvimento. Isto dá-me uma grande alegria, porque me dá a garantia de que realmente o programa do «*Ut omnes*» está em primeiro plano, e que todos procuram fazer de tudo para lá chegar.

Tenho a impressão de ter mudado de posição. Isto é, enquanto no início do mandato pre-



cedente parecia-me ter de estar em primeiro lugar, à frente de todos para arrastar atrás de mim toda a Obra, para continuar a seguir o Carisma, tal como Chiara o tinha transmitido, para o apresentar e alimentar a unidade de todos, agora parece-me que esta tarefa é assumida pela Obra no seu conjunto. Claro que também eu devo fazer alguma coisa, mas não é para me colocar à frente, mas sim estar quase atrás de todos, para que todos se sintam sustentados por este olhar, por alguém que olha, não para controlar, mas para apoiar, para encorajar, para impulsionar para que se seguia aquele caminho que todos sentem que devem percorrer».



28 de setembro. A despedida ao Giancarlo Faletti e ao centro da obra precedente

Que tipo de experiência deseja que o novo Centro da Obra faça?

«Em primeiro lugar, uma experiência de maior conhecimento da Obra, que logicamente será feita com o tempo, estando juntos e descobrindo também toda a riqueza do trabalho realizado pelos conselheiros gerais e pelos dirigentes da Obra, nos seis anos precedentes. E não só, mas tomando conhecimento também de todo o material produzido pela Assembleia, que foi entregue ao Centro da Obra.

Portanto, em primeiro lugar, uma experiência de maior conhecimento da Obra.

Depois, uma experiência que nos possa fazer avançar só todos juntos. No corpo dos dirigentes, cada um deve olhar para a unidade de toda a Obra, para o progresso de toda a Obra, não tanto para a tarefa que lhe foi confiada pessoalmente.

Por fim, a experiência da alegria, da surpresa de descobrir aquilo que Deus faz na Obra, portanto, de ver momento a momento o progresso da Obra, como uma dádiva do amor de Deus. Estas três coisas parecem-me muito importantes».

Quais são os primeiros passos que deseja dar com o Centro da Obra e com o Conselho geral?

«Devemos começar por nos conhecermos profundamente. Em primeiro lugar, deveremos estar todos juntos e isto não será possível imediatamente, porque cada um tem alguma coisa para concluir, e confiar a outra pessoa o trabalho que realizava até agora. Portanto, passarão alguns meses antes que o Centro da Obra possa começar a funcionar completamente.

Em todo o caso, nestes dias da Assembleia, encontrámo-nos três vezes, tomámos algumas decisões necessárias, como aquela de escolher os nomes para serem apresentados às Assembleias das Focolarinas e dos Focolarinos, para a eleição dos seus responsáveis. Decidir também elementos para as Assembleias das voluntárias e dos voluntários e dos sacerdotes. E depois fizemos um programa muito leve, pois este ano decidimos limitar as viagens de todos,



18 de setembro. Da esquerda, amigos das Grandes Religiões, de convicções não religiosas e de «Juntos pela Europa» em visita à assembleia



incluindo da Presidente, precisamente para podermos estar juntos, para construir este relacionamento profundo de unidade entre nós, e procurar cuidar particularmente os relacionamentos da Presidente e de todo o Centro, de todo o Conselho com os vários Centros do Movimento,

que estão aqui no Centro da Obra. E isto vai-nos ocupar, mais ou menos, durante todo o ano».

por Aurora Nicosia e Gianna Sibelli

veja o **ESPECIAL ASSEMBLEIA 2014** em www.focolare.org/notiziariomariapoli



O novo Centro da Obra

PRESIDENTE Maria (Emmaus) Voce

CO-PRESIDENTE Jesús Morán Cepedano

Aspectos

DELEGADOS CENTRAIS (PRETO) Friederike Koller (Alemanha) e Ángel Bartol Gajate (Espanha);

COMUNHÃO DOS BENS, ECONOMIA E TRABALHO (VERMELHO) Geneviève Sanze (Rep. Centrafricana) e Ruperto Battiston (Itália);

IRRADIAÇÃO E APOSTOLADO (ALARANJADO) Maria da Gloria Silveira Duarte (Brasil) e Tim King (Inglaterra);

UNIÃO COM DEUS E ORAÇÃO (AMARELO) Josiane (Pace) Nasr (Libano) e António Ventura de Sousa Borges (Portugal);

VIDA FÍSICA E NATUREZA (VERDE) Olga Maria Rodriguez Correa (Uruguai) e Dorival (Bianco) Spatti (Brasil);

VESTUÁRIO E HABITAÇÕES (AZUL) Clara (Vita) Zanolini (Itália) e Vit (Vitek) Valtr (Rep. Checa);

SABEDORIA E ESTUDO (ANIL) Margareta (Renata) Simon (Alemanha) e Francisco Antonio Canzani Cuello (Uruguai);

UNIDADE E MEIOS DE COMUNICAÇÃO (VIOLETA) Maria Cecilia Capuzzi (Argentina) e Paolo Loriga (Itália);

Grandes zonas

ITÁLIA Margaret Karram (Terra Santa) e Marc St-Hilaire (Canadá);

EUROPA Donna Kempt (Usa) e Severin Schmid (Suíça);

MÉDIO ORIENTE Olga Maria Rodriguez Correa (Uruguai) e Dorival (Bianco) Spatti (Brasil);

ÁSIA Antonella Liguori (Itália) e Roberto Catalano (Itália);

ÁFRICA Juanita Majury (Irlanda) e Joseph Assouad (Libano);

AMÉRICA DO NORTE Vida Rus (Eslovénia) e Raymond (Ray) Asprer (Filipinas)

AMÉRICA LATINA Maria Gabriela de Melo (Portugal) e Augusto Parody Reyes (Espanha)

OCEÂNIA Siu-Wai Vanessa (Vania) Cheng (China) e Andrew Camilleri (Malta)

Responsáveis das secções

FOCOLARINAS – FOCOLARINOS Agnes Van Zeeland (Holanda) e Flávio Luiz Roveré de Oliveira (Brasil)

Secretários Gloria Campagnaro (Itália) e Robert Chadourne (França)

Focolarinos e focolarinas

Duas equipas internacionais

As Assembleias das duas secções elegeram os responsáveis centrais e os respetivos conselhos. Foram debatidas algumas temáticas importantes

Depois de três semanas de trabalho, a Assembleia geral deu lugar às Assembleias das focolarinas e dos focolarinos, com 312 e 270, entre participantes e convidados, respetivamente. Iniciando com uma manhã de retiro, as duas Assembleias reuniram-se depois para um breve balanço e notícias, transmitidas pela Serenella Silvi e pelo Hans Jurt (responsáveis centrais cessantes) sobre a vida dos focolares e sobre o trabalho, que se iniciou, de modificações nos respetivos regulamentos.

Os novos conselheiros

(por ordem alfabética)

Focolarinas de vida comum

Joana d'Arc Costa, Brasil

Pilar Fernandez del Moral Dominguez, Espanha

Irma del Valle Sosa, Argentina

Arlete (Tecris) Madeira Noronha, Macau

Giovanna (Virgo) Ogliengo, Itália

Maria Ricci, Itália

Teresa Rychwalska, Polónia

Joan Wanjira, Quénia

Focolarina casada

Adriana Lamagna Rodolico, Itália

Focolarinos de vida comum

Roberto Almada, Argentina

Francesco Chatel, Itália

José Mario Dias Feio, Brasil

Alberto Kim, Coreia

Magnus Mentzel, Alemanha

Carlos Saura, Espanha

Raphaël Takougang, República dos Camarões

Mario Tancredi, Itália

Focolarino casado

Salvatore Lamagna, Itália



Agnes Van Zeeland, Flávio Roveré

No quarto dia, estavam previstas as votações para a eleição dos responsáveis centrais das duas secções e dos respetivos conselhos. A escolha das focolarinas caiu sobre Agnes Van Zeeland, 57 anos, holandesa, atual responsável da zona da Holanda-Países nórdicos. Os focolarinos elegeram Flávio Luiz Roveré de Oliveira, 51 anos, brasileiro, delegado da Obra na Mariápolis Piero, no Quénia. Ambos falam quatro línguas.

No início da tarde desse dia, na presença da Emmaus e do Jesús Morán e dos outros conselheiros, os dois recém-eleitos, a Agnes e o Flávio, aceitaram os cargos, salientando o desejo de aprofundarem também a unidade entre os dois Centros.

Ao receber esta aceitação a Emmaus comentou: «O Eterno Pai prepara as surpresas. também esta é uma das surpresas desta Assembleia: dois responsáveis de secção, uma da Europa do Norte e um do Sul do mundo, o Brasil, mas com experiência africana. Isto é muito bonito, porque traz uma abertura, uma amplidão para todos os focolarinos e todas as focolarinas do mundo. É um sinal muito positivo».

Assim, completou-se o novo Centro da Obra porque também os dois responsáveis das secções o integram.

A seguir, prosseguiu-se com as eleições dos conselheiros (ver os eleitos no quadro).

ao cuidado da redação



Egipto



Senegal

Mariápolis de Verão «Cidadãos» de um mundo diferente

Ocasões privilegiadas para construir relacionamentos, reencontrar a esperança, encontrar Deus

Lendo as mensagens que chegaram das Mariápolis realizadas de uma ponta à outra do planeta tem-se a impressão que, também este ano, foi Maria quem forjou os seus cidadãos. Um DNA comum produziu mudanças de vida, voltou a dar forças para se debater por um mundo mais unido, com gestos de reconciliação e de paz. Deus agiu nos corações. Muitos, que tinham perdido a esperança - como a Veronika, da Estónia - «encontraram o sentido da vida». Um jovem religioso falou «do perfume bom e suave da espiritualidade de Chiara», testemunhada pelas experiências.

«Um momento esperado todo o ano, - escreveram de Moscovo - um lugar onde nos sentimos livres, até de errar, porque temos a certeza de sermos amados. A Mariápolis torna-se cada vez mais nossa, "russa", com expressões do povo e das Igrejas que estão no território».

Foram muitos os Bispos que partilharam a experiência, encorajaram e evidenciaram a sintonia do carisma da unidade com o ensinamento do Papa Francisco, sublinhando a prioridade do diálogo.

As Mariápolis este ano foram variadas e muitíssimo diferentes, pelo número de participantes - de 30, na República Moldava, às cen-

tenas nos Países nos quais o Movimento está radicado desde longa data -, pelo tipo de programa, lugares e gerações. E iguais pelo clima de família, pelos frutos, pelas ações transformantes pelo Evangelho vivido: «Não se pode ser espectadores da fraternidade», dizia o mote daquela da Bretanha, em França.

Em todo o lado, as novas gerações tiveram um papel chave. Em Tocancipá, na Colômbia, a história do Ideal, contada pelos gen de forma criativa, transportou todos «para aqueles maravilhosos, atuais primeiros tempos». Em Rosário, na Argentina, pelo facto do programa ser conduzido pelos jovens, podia-se estar com as pessoas sem pressa, nem preocupações.

Protagonistas: as comunidades locais

As comunidades locais, muitas pela primeira vez, assumiram «o risco» de preparar a Mariápolis, como dádiva para o território.

Como em Goiânia, a 200 km de Brasília, ou em San Salvador, onde as palavras da Emmaus à comunidade: «Conto convosco como protagonistas desta nova fase da Obra» foram o impulso. O programa foi «novo, dinâmico, motivante e formativo».

Em Krasnojarsk festejaram-se os 10 anos da Mariápolis na Sibéria, com ortodoxos, protestantes, batistas, católicos. «Encontrei as pessoas mais maduras e responsáveis. Desde que

o focolar foi fechado, há três anos, tudo se desenvolveu... o coração ficou e a vida continua», comunicou o Pe. Melichar, sacerdote voluntário da Obra, presente nas precedentes.

Na Roménia, realizaram-se várias Mariápolis. De Cluj: «Uma Mariápolis para uma região mais pequena, permitiu a muitas pessoas, que até então só ficavam sentadas, a revelarem-se como excelentes jogadores. Ganhámos uma equipa nova! A Obra de Maria vive, cresce. Percebi porque é que os focolarinos permanecem por detrás, no fundo: para estarem totalmente em Deus e oferecer a Sua presença de amor a cada um. A vida deles irradia não tanto o trabalho, mas os relacionamentos trinitários».

Em Espanha, na Mariápolis de Granada, tudo foi preparado, desde os mínimos pormenores, pela comunidade local, como a noite de acolhimento com um 'buffet' de produtos típicos para os 900 participantes. Instituições civis e religiosas colaboraram, porque se sentiram protagonistas e envolvidas pela atmosfera encontrada.



Portugal

A «primeira vez»

De Tewatte (Sri Lanka) uma gen pôs no *facebook*: «Construída com nada mais que rostos sorridentes, corações calorosos e pequenos gestos de amor e de amizade, não só era o pri-

meiro encontro deste género, neste fascinante país, mas também revelou o amor, a generosidade e o calor escondidos no coração dos seus habitantes. Era como reviver os primeiros tempos. Muitos abriram as suas casas para os encontros, para manter acesa a chama na comunidade nascente». Para fortalecer a comunidade, algumas pessoas vieram dos focolares da Índia, com Elena Camilleri, focolarina da Mariápolis Romana.

Também numa outra ilha, em Córsega, «o sonho de ter uma Mariápolis realizou-se», escreveu o pequeno grupo da comunidade, animado por Jehanne. No fim de junho, perto de Ajaccio, tiveram a alegria «de ver chegar um grande grupo de Corsi, entusiasmados e interessados em aprofundar esta espiritualidade libertadora».

Também se realizou a primeira Mariápolis no Senegal, em Zinguinchoir, com a presença de focolarinas e focolarinos de países vizinhos. Vieram 60 pessoas do Burkina Faso, Guiné-Bissau e Mali; entre os muitos jovens, estava uma muçulmana. «Apesar dos nossos limites e dos poucos meios, vimos que a graça do Ideal avança e transforma as pessoas», comentava-se.

Nos pontos «quentes»

Foram significativas as Mariápolis nos lugares de fronteira e em territórios onde a paz é uma conquista. (ver www.focolare.org/notiziariomariapoli/dalla-terra-santa2/ *Mariapoli di Nazareth*).

No Médio Oriente, no clima de guerras e vinganças do mundo árabe, a paz construída momento a momento reconciliou os corações.



Nazaré

Foi assim entre os participantes na Argélia, na maioria muçulmanos, em Amã, na Jordânia, onde participaram também pessoas do Iraque e da Síria.

No Líbano, houve duas Mariápolis. Naquela do Norte, um terço dos participantes eram da Síria, com um grande grupo de Aleppo. Um passeio ao convento de Santo Antonio Kozhaya fez ver a fé inabalável dos Padres, para salvar os cristãos durante as primeiras perseguições, com um forte impulso sobrenatural. Um casal de Damasco, que na guerra perdeu os dois filhos, disse: «Apesar deste sofrimento imenso, vocês deram novamente sentido à nossa vida». Em AïnEbel, no extremo sul do Líbano, a poucos quilômetros da fronteira com a Terra Santa, onde ventos de guerra e insegurança estão sempre presentes, viveu-se uma Mariápolis «itinerante», alojados em casa das famílias, partilhando com elas a vida quotidiana. «A vossa presença mudou a nossa aldeia», comentavam as pessoas da terra.

No Egito, houve uma Mariápolis «dos primeiros tempos» no meio do deserto, com temperaturas de 43-44 graus, falta de água e longuíssimas viagens. Entre os mais de 370 mariapolitas também estavam Ayman e Dina, amigos muçulmanos.

Em Yogyakarta, todas as maiores ilhas



Líbano



EUA

da Indonésia estavam representadas: muitos estudantes de Papua, Flores, Kalimantan, Sumatra, Sulawesi, Maluku e Java, participantes também da Malásia e Singapura, com muçulmanos, um sikh, cristãos de várias Igrejas, sacerdotes, religiosas e seminaristas. Um jovem de Timor Leste encontrou-se ao lado do ex-vice-governador que, durante a luta pela independência do seu país, representava o opressor. Percebi que devia vencer o ódio e perdoar. O conhecimento abriu espaço para a estima recíproca, para um novo início de reconciliação.

Em Myanmar, com longas viagens também a pé, foram às montanhas do Leste duzentas pessoas, com representantes de várias Igrejas e alguns budistas, para além dos católicos.

Na Ucrânia, por causa das desordens contínuas, decidiu-se adiar a Mariápolis. Foi uma grande surpresa a notícia de que, inesperadamente, nas montanhas da parte ocidental do país, a comunidade tinha conseguido fazer uma: «Foram dias luminosos. Sentimo-nos livres do mundo, da guerra. Queremos encarnar aquele “as-



Casaquistão

sim na Terra como no Céu” na nossa comunidade, no nosso país, onde irmãos e irmãs de um lado e do outro da Ucrânia sofrem juntos. Temos plena confiança no Amor de Deus, que protege o nosso povo ucraniano».

Para crescer juntos

Em muitas partes a Mariápolis foi uma ocasião de comunhão com Movimentos, associações, comunidades.

Na Colômbia, realizou-se na Villa de Leyva – uma cidadela fundada por um nosso religioso carmelita, denominada «Cidade de Deus» – e a comunhão vivida com um outro carisma enriqueceu todos.

Mariápolis com o título «O Amor começa por um passo» em Siderno, na Calábria, para oferecer ou devolver a esperança de que se pode mudar alguma coisa também onde a n’drangheta (máfia) muitas vezes age sem oposição. Foi imediato e sincero o relacionamento com o Comitê juvenil O’Strakon de Gioiosalonica e a Associação Don Milani. Descobriram-se novas ações para fazer crescer a fraternidade nas cidades e passar de um agir individual a uma ação coletiva nas comunidades locais.

No Sudeste da Roménia, foi profunda a comunhão entre ortodoxos e católicos. Reuniram-se as comunidades mais jovens e pequenas, espalhadas nesta região. O diálogo com três sacerdotes ortodoxos e oito leigos de uma paróquia ortodoxa foi de uma grande riqueza. Muito significativas as palavras do Pe. Mihai Popovici: «Nós somos aqueles que começam a refazer aquela ligação originária pela qual Jesus rezou e nos impulsionou a rezar. Formemos as novas gerações para esta Igreja, com a aspiração pela unidade».

Na Suécia, foi especial a visita na comunidade de Bjärka-Säby, cujo fundador, Peter Halldorf, pentecostal, participa do «Juntos pela Europa».

Muitas Mariápolis realizaram-se no período

do do Campeonato Mundial de Futebol. De Santo Domingo escreveram: «Quisemos transformar o encontro num “Mundial da fraternidade”: organizamo-nos em “delegações”, cada uma com o seu “capitão”, com momentos de “aquecimento” e de “treinos”. Não foi preciso dar nenhum cartão amarelo! Concluímos com prémios para todos os “jogadores”».

«Há uma coisa que gostaríamos de tentar exprimir, mas é mais uma intuição do que uma visão – escreveram da Mariápolis-férias da região de Marche. Fizemos a experiência do “relacionamento sponsal entre a comunidade e o focolar”. Os focolarinos e as focolarinas de



vida comum e casados estavam ao serviço por toda a parte, sem aparecer, mas com o coração ativo a proteger a chama do amor recíproco em cada pequeno grupo, laboratório, etc. É o amor que dá a todos a liberdade de serem eles próprios e faz desabrochar, pelo amor aos outros, os próprios talentos... Os internos e as internas deram-se com todas as forças. Talvez seja aquele “ser protagonistas” que se exprime naturalmente, quando somos apoiados e encorajados. Talvez seja aquela passagem da *Fábula florescida ao longo do caminho “Foco”* quando: “Todas as estrelas se amavam, louvavam a beleza umas das outras e não eram invejosas”. Talvez seja isto que vai fazer o firmamento derramar-se sobre a Terra, feito por todas as pessoas da Obra, entusiasmadas e felizes por levar o reino de Deus “para fora”...».

Por Gianna Sibelli

Com as e os gen4 À «descoberta» da Eucaristia

Na segunda metade de junho, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo estiveram primeiro as e depois os gen4, provenientes de vários Países da Europa com algumas representações dos continentes. No total eram 850

Nessa ocasião apresentámos o tema do novo ano ideal, a Eucaristia. Encontrámo-nos perante muitos desafios: como fazer para que as crianças experimentem a presença de Deus na Eucaristia, se muitas delas não estão habituadas a rezar, nem a entrar na Igreja? Os filmes fantásticos que agora existem, e em que se investe muito dinheiro e talentos, conduzem as crianças para um mundo de magia. Nós, pelo contrário, temos poucos meios, como fazer? Foi muito forte poder experimentar mais uma vez que Jesus no meio de nós é o nosso mestre e que, com Ele, imagens, músicas e jogos adquirem um efeito extraordinário.

Eis algumas linhas de orientação que surgiram da comunicação entre as e os colaboradores dos Centros Gen4:

- como assistentes gen4, devemos-nos envolver em todos os sentidos e ser modelos, na caridade e na oração;
- a Missa deveria ser enriquecida com canções, teatrinhos ou filmes para ilustrar o Evangelho,

e o sacerdote deveria estar próximo deles, através de experiências;

- o programa deveria ser todo vida, com muitas ocasiões para pôr em prática o amor recíproco, de modo que Jesus no meio possa falar aos seus e aos nossos corações;
- tínhamos já preparado as respostas e experiências de Chiara sobre o argumento e, com um grupo de gen4, trabalhamos nas introduções, enriquecendo-as com experiências e ilustrações, que serão o material de formação para todo o ano;
- a Eucaristia é uma graça enorme que se compreende melhor se for inserida em toda a História da salvação: as gen4 conheceram essa História fantástica com um *musical*, que começa com o Big Bang e se conclui com a ressurreição dos mortos;
- para os gen4 concebemos um percurso experimental com muitas atividades criativas e um parque de jogos, através dos quais podiam responder de muitos modos à graça da Eucaristia.





«Jesus, eu gosto muito de ti. É tão bom ver-te, que alegria estar contigo, é formidável estar contigo».

Com o contributo de muitas e muitos assistentes e de muitas focolarinas, focolarinos e gen da Mariápolis Romana, lançámo-nos a trabalhar: gravando canções, escrevendo os textos do *musical*, desenhando e preparando um grande jogo: «Vamos dar vida à nossa cidade», que diariamente dava muitas oportunidades para amar concretamente (havia o ginásio, o restaurante, o teatro, a *boutique*, a fábrica das pulseiras...).

Fizeram muitas perguntas à Emmaus, algumas «desconcertantes». «Ficaste contente com o que fizestes nestes seis anos? E ficaste contente com aquilo que nós, gen4, fizemos? Querida Emmaus, como posso vencer os meus medos?».

Um relacionamento trinitário também com as crianças?

Agora queremos evidenciar um desafio extraordinário, especialmente para nós

Foi extraordinário ter a presença de 4 grupos vindos de fora da Europa: Japão, Brasil, EUA, África (Duala), graças à comunhão de bens de todas as gen4 do mundo, até de quem não pôde vir.



adultos, isto é, sair dos esquemas clássicos de animadores, responsáveis de grupo, pais ou catequistas. Chiara tinha-nos escancarado os horizontes falando de um relacionamento trinitário, que se pode realizar também com os e as gen4. Entre uma criança e um adulto pode haver muitos anos e muitos centímetros de diferença, mas sobretudo há um modo diferente de conceber a realidade! Eis alguns



testemunhos das e dos assistentes, de vários ramos e movimentos da Obra, sobre o ser dá-diva uns para os outros:

«Como focolarino, senti-me sempre atraído pelas palavras de Jesus "se não vos convertedes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus", mas acho que nunca as compreendi profundamente. Experimentei uma coisa nova: que não tinha que fazer qualquer coisa para os gen4 ou ensinar-lhes a amar. Nada disso. Deveria de descobrir juntamente com eles, conquistar juntamente com eles, fazer uma corrida em conjunto com eles, em síntese, encontrar o Amor e viver com eles os "pequenos milagres". Fizeram-me redescobrir a minha vocação».

Explica uma focolarina: «No relacionamento das gen4 com Jesus notava-se espontaneidade, pureza, profundidade, seriedade e muita alegria... estas realidades formam-nos muito, lá dentro. Sinto que um dos segredos das gen4 é que elas sabem recomeçar imediatamente».

«"Tu também fizeste um ato de amor?"



Estes dois congressos foram um laboratório, com os e as gen4, para experimentar e melhorar o material de formação gen4 para o próximo ano. Vocês vão encontrá-lo no site gen4 (www.gen4.focolare.it), com a password dos vossos assistentes gen4.

perguntou-me o Giovanni. Não tinha pensado que era a minha vez - confessou um voluntário - . Antes parecia-me tudo pequeno, mas depois descobri que cada ato de amor valia ouro, para construir este congresso, juntamente com as crianças. Aconteceu mesmo assim: não havia nem adulto nem criança, tínhamo-nos tornado todos iguais. Foi como Chiara tinha dito uma vez: "A alma não tem idade, é sempre um encontro de Jesus com Jesus":

«Para dizer a verdade fazer *bricolage* não me atraía mesmo nada e parecia-me um bom momento para poder ir responder aos meus *mail*. A um certo ponto vi alguns gen4 distraídos e assim comecei a trabalhar com eles. Nasceu-me um entusiasmo como há anos não sentia, quase me perdi nos trabalhos. Conseguimos fazer coisas giríssimas e a melhor era verificar que Jesus no meio nos arrastava».

«Viver com os gen4 é o melhor estágio profissional! Cheguei ao congresso com uma cabeça a deitar fumo, cheia de coisas comple-

xas que tinha de acompanhar como dirigente de uma multinacional. Depois, mergulhei na competição de viver o Evangelho à letra. Dois dias depois, refletindo um momento sobre o meu trabalho, vi as coisas de um modo muito mais simples, tinha uma clareza sobre como continuar que antes eu não tinha. Os gen4 fizeram-me redescobrir que é preciso mergulhar em Deus e deixar-se guiar por Ele».

Conta uma gen2: «Iniciei o meu percurso no movimento olhando o mundo através dos olhos de uma gen4. Percebi muitas das coisas pelas quais eu hoje vivo. É sempre uma grande alegria ouvir a experiência de uma gen4 que procura viver o mesmo Ideal, que nos parece impossível poder viver naquele momento, dá-nos uma nova esperança e faz-nos até sorrir».

«Durante um *workshop*, o Ludovico estava a recortar um gato pré-desenhado, mas que,



Com as gen4 de Douala e um grupo da Itália, fomos depois ao congresso gen4 na Eslovénia, onde nos esperavam, no centro Mariápolis de Planina, 120 meninas de vários Países vizinhos: foi uma experiência fortíssima conhecermo-nos, mesmo se éramos de seis línguas diferentes! Juntas aprendemos uma dança brasileira, uma africana e uma eslovena.



pouco a pouco, foi perdendo a forma. Estava quase para fazer um reparo, quando me lembrei que a minha mãe, diante das minhas obras de criança, tinha sempre uma atitude de grande delicadeza. Não estás a ver? - explica-me o Ludovico - fiz uma Nossa Senhora! Agora também eu estava a ver e alegrámo-nos juntos. Mais tarde veio-me mostrar uma

dido por uma luz, um forte calor que me fez cantar: quero amar todos e sempre. Aquele momento ficou marcado na alma como se tivesse acontecido ontem. Foi Deus que me fez descobrir a potência do amor que tem a capacidade de abraçar o mundo inteiro. De facto, o amor das crianças leva-nos ao amor universal de Deus por nós: eles amam tanto um presidente da câmara como um mendigo.

Em síntese, fizemos a experiência, como diz um responsável do focolar: «Os gen4 não são o futuro da Obra, mas são já Obra. Pelo contrário, devemos tomá-los como modelos e sermos nós o futuro da Obra, tornando-nos crianças evangélicas».

Os Centros Gen4

O que é que a arte promove nas crianças, porque é que as almas deles ficam tocadas? As crianças compreendem e memorizam com mais facilidade os «conteúdos», porque a arte faz envolver quase todas as áreas da inteligência: a verbal, visual, espacial, cinestésica, rítmica, interpessoal e sociocultural. Isso facilita a concentração e a lembrança dos temas propostos.

cruz composta por um único ramo, que tinha encontrado no bosque e ajustado um pouco. Senti-me levado pela mão, como se este gen4 me levasse diretamente a Jesus».

«Um pai de família acrescenta: na minha opinião, os workshop deram aos gen4 grandes valores. Descobriram o cuidado que Deus tem por nós, a beleza da natureza, o respeito pelas coisas dos outros e a vida civil na sociedade. Mas a coisa mais forte era descobrir e viver juntos uma experiência onde cada um enriquece o outro».

«De vez em quando, um gen4 desaparecia durante um intervalo e voltava todo feliz. Mas onde estiveste?, quis eu saber. A sua resposta foi: fui à cozinha ajudar! A este ponto recordei-me que, em criança, um dia também eu estava a ajudar a minha mãe na cozinha, mais do que de costume. A um certo ponto senti-me inva-



Propomos como projeto para o ano próximo repetir estes congressos localmente, adaptando-os de certa forma às situações do lugar, e às comunidades locais.

Jovens para a unidade

Estaleiro «Homem Mundo»

Durante o Verão, realizou-se na Argentina um 'estaleiro' que envolveu mais de 500 adolescentes de muitas nacionalidades, para construir e experimentar a fórmula de um novo tipo de homem: «o homem-mundo»

Homem-Mundo A ideia foi de Chiara. No Supercongresso gen3 de 1997 tinha-nos dito que «o modelo para as futuras gerações é o homem da unidade, o homem-mundo. Um homem - isto é - que consegue acolher no seu coração os tesouros oferecidos pelos outros, dos vários continentes, e que consegue dar os seus tesouros a todos os outros».

Uma cidade não basta É o manifesto da terceira geração no qual Chiara traça as linhas programáticas para se conquistar uma cidade ao amor de Deus. É a meta lógica do projecto, «ColoriAMO la città», (dAMOs cor à cidade) é o caminho indicado no final daquele escrito: «Olha para longe, para a pátria de todos, para o mundo».

Não ficar parados Primeira pista, portanto, ir para lugares fora das nossas cidades, porque uma coisa é ouvir falar de lugares distantes,

com diferenças culturais, riquezas e desafios para dar e receber, outra coisa é viver e experimentar a «regra de ouro», até que pessoas, antes distantes, se tornem irmãs, que povos inimigos sejam amigos, e terras desconhecidas



sejam a nossa pátria... até que todos sejam «homem-mundo».

Coração e efeito multiplicador O evento principal realizou-se na América Latina, com 530 jovens da Argentina, Brasil, França, Áustria, Suíça, Irlanda, Estados Unidos, Austrália, Malta, Nova Zelândia, Coreia, Bolívia, Chile, México, Colômbia, Paraguai, Uruguai, Costa-Rica, Itália, El Salvador, Guatemala, Honduras, Equador...

Estavam os 530 na primeira fase, na Mariápolis Lia, a que se devem juntar alguns milhares de jovens que participaram na segunda fase, nas 18 localidades espalhadas entre a América do Sul e Central, trabalhando num ou mais projectos sociais continuados da Obra, e muitos outros que animaram as dezenas de estaleiros *Homem Mundo* realizados entre julho e agosto de 2014. Internacionais foram: no México, Croácia, Lituânia...; interregionais: no Recife, em S.Paulo, na Ligúria, na Sicília..., e também intercidades. Todos locais, mas com uma abrangência global.

Quem é o Homem-Mundo

Experimentámo-lo na primeira fase: é uma pessoa que partilha, que escuta, que dialoga, que perdoa. Um irmão que ultrapassa com amor as barreiras que as diferenças de cultura, língua, história dos povos podem erguer. Que não se limita em receber talentos e riquezas dos outros e de oferecer as próprias, mas que cria ligações e sabe pô-las em movimento, com amor, ao serviço. Que até no mais pequeno ato respira a plenos pulmões, porque olha para longe, para o mundo. Já o compreendemos, através dos temas desenvolvidos pelos vários peritos das inundações, no diálogo e na partilha entre os vários grupos, mas vivêmo-lo nas mil ocasiões quotidianas, no amor concreto dos habitantes da Cidadela, dos gen2, das famílias, dos nossos animadores.

«Não consigo perdoar a nação que está agora em guerra com a minha, foram mortas demasiadas pessoas inocentes. Mas se um dia conseguir fazê-lo é pelo amor recíproco que vivi aqui».

«Foi uma experiência única, inesquecível. Formamo-nos verdadeiramente como irmãos do Paraguai, Brasil, Itália, Irlanda... Isto encheu-nos de energia e sobretudo comprometemo-nos: somos nós os construtores deste novo mundo que, iniciando com pequenos atos concretos, vamos realizar».

Juntos Zonetas e comunidades locais, Centro e Zonas, pessoas de todas as idades e

vocações, Cidadelas: uma só família!

Foi o que experimentámos ainda mais na segunda fase quando, divididos em grupinhos mais pequenos, fomos ao Paraguai, à Bolívia, ao Brasil, ao México... A esperar-nos estavam os Jovens para a unidade do local, com toda a comunidade da Obra. Casas abertas, novas famílias, mobilizações de instituições da cidade, associações... uma inacreditável rede de relacionamentos, que permitiu a um número, não ainda definido, de jovens e menos jovens, de partir desta experiência totalmente renovados.

«Tocou-me muito a preparação intensa da comunidade, iniciada muitos meses antes. A generosidade e a alegria de todos foi realmente um acolhimento formidável. Foi impressionante a nossa partida de Mendoza: a comunidade inteira, quem a pé, quem de carro, com muitíssima emoção e cantos de agradecimento seguia o autocarro. Vi o povo de Chiara, gente tão diferente, mas unida n'Ele, que tinha condividido uma experiência de Deus, que nos tornou uma só família em pouquíssimos dias».

«O acolhimento que nós, Irlandeses, recebemos no Paraguai vai ficar impresso em mim. Todos abriram os seus corações e as suas casas. A frase que recordarei sempre é: "A minha casa é a tua casa" porque a família que me hospedou queria mesmo que eu me sentisse na minha casa, quando a minha estava longe. Aprendi a experimentar coisas novas e sinto que isso me ajuda a abraçar as culturas de outros povos, a ser mais aberta, a conhecer o mundo».





Mãos na massa Em cada lugar entrámos nas chagas da nossa sociedade. Encontrámos Jesus pobre, excluído, doente, só, orfão... mas amigo e irmão.

«A recordação mais bela desta viagem foi a visita à barracôpolis e ao orfanato. Esta experiência abriu-me os olhos. No mundo "desenvolvido" temos tantas coisas, aqui, pelo contrário, mesmo se não têm nada, estão contentes. Nós lamentamo-nos sempre por coisas supérfluas.»

«Em cada lugar que visitámos encontrei uma esperança. Uma esperança que nos impulsiona a valorizar tudo aquilo que temos, como faziam as crianças no orfanato, apreciando a presença uns dos outros. Se conseguir fazer isto de que me sinto entusiasmado: estarei na 1ª linha da unidade!»

Quem ama vê *«Uma semana antes de nos irmos embora, perguntei a mim própria se, na experiência na Argentina, teria realmente encontrado Deus. Depois, encontrámo-nos todos num salão, sentados no chão ao redor de uma tela representando o mundo. Um representante de cada continente levantou-se e fez uma oração, Depois colocou uma vela sobre o seu continente... a fim de iluminar o mundo. Levantámo-nos todos e, de mãos dadas, - os mais de 500 - rezámos o Pai Nosso, cada um na sua língua. Eis, naquele momento, tive a certeza de que Deus estava connosco.»*

«A semana de O'Higgins ajudou-me a renovar a fé em Deus e fez-me ver como posso amar

verdadeiramente todos. Esta vida na Mariápolis Lia mudou-me. Agora procurarei amar mais.»

«Vim com muitas dúvidas de fé, mas foi tão forte o amor incondicional que experimentei aqui e que se notava sempre no acolhimento, na espontaneidade, na simplicidade dos relacionamentos que disse: o amor de Deus deve ser assim, também por mim. Deve ser incondicionado.»

Números e balanços Quantos foram os jovens envolvidos? Quantos apoiaram o projeto? Até onde chegou a nossa ação? A estas questões não sabemos responder: números, empenhos, frutos e corações renovados, só Deus é que sabe.

«Percebi que tudo aquilo que fizemos deve transformar a sociedade. O mundo unido constrói-se com uma pessoa de cada vez, mas isto não quer dizer só trabalhar, dia após dia, para tecer os relacionamentos, mas sim ter realmente aquele ímpeto de sair para fora e construir, pessoa a pessoa, projeto após projeto, uma máquina para a unidade.»

Futuro - presente Quando chegámos, cada um às próprias realidades, como homens e mulheres «mundo», passámos á terceira fase, visto que espontaneamente se estão a realizar ligações entre comunidades que acolheram e aquelas que enviaram jovens, com projetos de colaboração. A corrida para a próxima «Run4unity», a 3 de maio de 2015 já começou!

pelo Centro Jovens para a unidade

Bispos no Trentino

Em consonância com o Papa Francisco

Pela segunda vez, decorreu em Cadine (Trento) um encontro de Bispos



O programa foi elaborado de modo a favorecer uma vida de comunhão, equilibrado entre os vários aspetos: estudo, diálogo, oração, partilha fraterna de experiências, descanso, etc. Assim estava organizado o nosso encontro que decorreu no Centro Mariápolis de Cadine (Trento), no início de agosto. Éramos 52 Bispos de 25 nações, provenientes de todas as partes do mundo, para um momento de colegialidade, de escuta recíproca. Alguns Bispos do Médio Oriente e da Ásia não puderam participar, como o mons.Lazzaro You, bispo de Daejeon (Coreia),

empenhado na visita do Papa à Coreia, para a jornada asiática da juventude.

Queríamos estar em sintonia com a linha do Papa Francisco, com o seu convite para ir ao encontro das periferias sociais e existenciais da humanidade. Foi um encontro de reflexão e partilha sobre os desafios atuais da Igreja, segundo os aspetos que estes desafios assumem nos diversos continentes.

Uma meditação sobre o amor recíproco serviu de ponte entre o tema do ano passado e o que vamos aprofundar este ano: «Eucaristia, mistério de comunhão». O tema de Chiara: «A paixão pela Igreja» reforçou em nós o amor pela Igreja e o desejo de inculturar a nossa espiritualidade, na Igreja e no mundo atual.

Na comunhão de alma, as experiências de uns enriqueciam os outros, os pesos eram partilhados e as alegrias multiplicadas.

Fomos às raízes da espiritualidade da unidade graças também a figuras como



Igino Giordani e o bispo Klaus Hemmerle, apresentados por conhecedores profundos do seu pensamento, como os professores universitários Alberto Lo Presti e Viviana De Marco assim como p. Wilfried Hagemann.

Não podia faltar a visita à cidade natal de Chiara, com a sua rica herança cultural, religiosa e as belezas naturais da região. Aquele dia concluiu-se com uma Concelebração Eucarística solene, presidida pelos três cardeais presentes, João Braz De Aviz, Miloslav Vlk e Ennio Antonelli. O arcebispo de Trento, mons. Luigi Bressan, comentou que era a maior reunião de Bispos na cidade, desde a época do Concílio de Trento, no 16º século.

Momentos importantes foram os que se viveram com a Emmaus e o Giancarlo, a partir do tema do ano apresentado pela Emmaus, seguido de uma profunda comunhão de alma. O diálogo com a Presidente e o Co-presidente levou-nos, depois, a uma troca de notícias sobre os preparativos para a Assembleia Geral. Podemos dizer que foi uma descoberta renovada do dom do carisma, que acompanha e continua a apoiar a nossa vida de Bispos.

Foi evidente perceber como a Eucaristia foi o «motor escondido» da vida de Chiara, e também da nossa. A sua força de sacramento da unidade é a raiz e o alimento da Igreja, produz a comunhão entre irmãos, forma a família dos filhos de Deus, faz com que se saia do próprio individualismo para ir pelo mundo e fazer-se um com todos.

O desejo de fazer nossa esta experiência foi validado com o Pacto de Unidade duran-

te a missa de 4 de agosto, concelebrada na presença da Emmaus, do Giancarlo e de uma grande representação da comunidade local de Trento.

Numa carta escrita à Emmaus e Giancarlo, comunicámos o nosso desejo de estar na primeira fila para realizar a Igreja-comunhão e desenvolver os diálogos que são a especificidade do Movimento. Não podíamos esquecer que, há cinquenta anos, a 6 de agosto de 1964, foi publicada a encíclica *Ecclesiam Suam*, na qual Paulo VI apresentava a Igreja como diálogo. Este documento, que inspirou Chiara a articular ulteriormente a sua perspectiva dialógica e ao qual o Papa Francisco faz referência na *Evangelii Gaudium*, encoraja-nos ainda mais a dar o nosso contributo para a atuação da finalidade indicada por Jesus: «que todos sejam um».

O último dia, 7 de agosto, foi dedicado a um tema surpreendente para muitos de nós: «O encontro entre Paulo VI e Chiara Lubich», apresentado com uma riqueza de documentos inéditos por Lúcia Abignente, focolarina do Centro Chiara Lubich. Foi evidente o papel providencial deste Papa, num momento crucial para a aprovação da Obra de Maria.

Vários Bispos expressaram a beleza de quanto viveram: uma experiência de verdadeira fraternidade, orientada para ser a Igreja «de saída». «E, como viemos de todas as partes do mundo, procuramos estar “na onda” juntos, para levar a unidade ao mundo». Não faltaram os empenhos concretos, como o de potenciar a formação de sacerdotes, religiosos e dos próprios Bispos, em ligações com o Instituto universitário Sophia, já muito apreciado no âmbito das instituições académicas.

Agrada-nos, neste contexto, recordar as indicações que o Papa Francisco deu para quem se empenha no serviço da Igreja, na Curia romana: profissionalismo, serviço, santidade.

por Francis Xavier Kriengsak Kovithavanij



Mundo eclesial

Net-working, Igreja nos relacionamentos

Jovens sacerdotes e seminaristas em Loppiano: uma experiência de vida destinada a multiplicar-se

Com a Missa de Maria Rainha, na Theotokos, animada pelos cânticos de várias nações, ritos, denominações cristãs, concluiu-se o encontro «Net-working – Igreja nos relacionamentos», que reuniu, de 19 a 22 de agosto, 268 sacerdotes jovens, seminaristas e jovens orientados para o sacerdócio provenientes de



38 nações da Europa e de outros continentes. Entre estes uma dezena de greco-católicos casados, três pastores evangélicos e um ortodoxo. Muitos vinham pela primeira vez a um encontro do Movimento, internacional.

Foram significativas as impressões finais destes quatro dias na Mariapolis Renata:

«Uma espiritualidade nova, bonita, fresca, rostos felizes, Jesus no meio!».

«Uma Igreja projetada para o futuro, não convencional, mas atual».

«A ideia da comunhão não fica na teoria, entra na vida... Entro este ano no seminário: quero viver como sacerdote homem do mundo e não da aldeia».

Loppiano envolveu todos com o inconfundível clima das Mariapolis. Foi grande o espanto



ao sentirem-se uma parte da «Igreja viva», uma fraternidade de dimensão universal. Ficar alojados nas casas da Cidadela permitiu começar o dia «em família», nos grupos, com o pequeno-almoço e um pensamento para meditação que servia de «bússola». Todas as tardes, como «âncora», um outro pensamento luminoso, tirado dos escritos de Chiara ou do p. Foresi, da Escritura, de Paulo VI ou do Papa Francisco, que evidenciavam pontos centrais do Carisma.

«Net-working – Igreja nos relacionamentos» era, antes de mais, uma experiência de vida que, dia após dia, se abria com um passo temático: «Cenários do mundo – retalhos de fraternidade», «Igreja em comunhão – pela humanidade», «Homens de Deus – construtores de relacionamentos fraternos». Para cada um destes temas fazia-se uma introdução, seguida de experiências. Cada dia havia nove *workshop* animados por pessoas especializadas da Obra, que permitiam que todos fossem protagonistas, abordando juntos temas «quentes», desafios e problemas, que se iluminavam de maneira concreta. Todas as tardes, com uma mesa-redonda, recolhiam-se os frutos do dia.

Um ponto de chegada e mensagem e final foi o forte testemunho, numa gravação vídeo, de p. Silvano Cola sobre «Jesus Abandonado e o mundo sacerdotal» de 30 de abril de 1982.

As impressões que os participantes nos deixaram sublinham a atmosfera alegre, amigável, autêntica. Expressam o desejo de serem agora *net-worker*, ali onde estiverem, levando este espírito às paróquias, aos seminários, ao presbitério. Daqui surgiu a exigência de se encontrarem, partilhar as experiências, permanecer «em rede» também via internet. Pediram que se repetisse em breve um encontro parecido com este, porque «outros também precisam de dias como estes». Querem convidá-los para que eles possam «encontrar segurança, esperança». Vários dos participantes querem empenhar-se no Movimento, estão interessados em fazer a experiência da Escola «Vineamea» para os sacerdotes.



Para alguns, o encontro foi a ocasião providencial para voltar a Loppiano e, para outros, também com a Obra.

«Networking» foi «um milagre inesperado», que pôs em evidência caminhos novos, para oferecer o Ideal com frescura e prontidão para esta época pós-moderna e suscitou grande esperança. Seria de desejar «que este encontro possa inflamar cada diocese, cada paróquia e levar a vida trinitária ao mundo!».

*p. AlexanderDuno, p. Tonino Gandolfo,
p. Hubertus Blaumeiser*

Movimento paroquial e Movimento diocesano

Jovens e empenhados

A paróquia e a diocese como lugar privilegiado para viver o Ideal da unidade, ao serviço daquilo que necessitam as comunidades nos mais variados ambientes. Em Benevento, o primeiro encontro internacional viu convergir, no início de agosto, 200 jovens de diversos Países

Já há muitos anos que os empenhados jovens do Movimento paroquial e do Movimento diocesano se encontram regularmente, em encontros locais, para construir uma unidade mais forte entre eles e reforçar o empenho com que trabalham nas paróquias e nas dioceses, a todos os níveis: catecismo, pastoral juvenil, preparação para o Crisma, etc.

Seguem, nas paróquias, muitos grupos de crianças, adolescentes e jovens a quem transmitem a espiritualidade e com quem fazem diversas atividades concretas. Organizam campos-escola para várias idades, onde podem aprofundar a união com Deus e isto leva a reavivar a vida das comunidades paroquiais.

Mas um encontro juntos, com empenhados dos dois movimentos, e aberto a outros Países, fora da Itália, nunca se tinha realizado. Sentia-se a importância e tinha-se preparado o programa já há muito tempo, e a própria Emmaus e o Giancarlo deram um novo impulso a este encontro. Depois do encontro que tivemos com eles em dezembro de 2013, decidiu-se realizá-lo neste verão, possivelmente em Itália onde a sua presença é mais numerosa.

Nas viagens feitas pela secretaria central durante o ano (na grande zona da Europa oci-

dental, da Europa Oriental e na América do sul) lançou-se esta vocação da segunda geração do Movimento dos Focolares, ainda pouco conhecida por muitos. Foi recebida com muita alegria e os primeiros a aderir à iniciativa foram precisamente os jovens destas zonas: Argentina, Eslováquia, Eslovénia, Roménia, Portugal, para além do Brasil. E, obviamente, de Itália. Foi precisamente esta experiência de internacionalidade que serviu de altifalante, fazendo-nos redescobrir a beleza e peculiaridade desta vocação.

A característica foi dedicar o encontro aos jovens: numa próxima ocasião, vai-se abrir aos jovens aderentes ou a todos, dos Movimentos paroquial e diocesano.

O título era: «Empenhados no amor», em que a palavra «empenhados» tinha dois sentidos: *impegnati* (dedicados) e *impègnati* (entusiasmados).

Estavam 200, com cerca de cinquenta acompanhantes/animadores adultos, que tinham a característica de não substituir os jovens, nem sequer nas intervenções ou serviços.

Totalitários, que querem seguir Deus, numa vida intensa de Jesus no meio, para construir o «*Ut omnes*», a começar pelas suas paróquias e dioceses, mas com o coração e a vida abertos a todo o mundo.

As características desta escola foram a partilha nos grupos, com uma forte presença de Jesus no meio e a concretização: todas as manhãs, às 6.20, em colaboração com a Caritas, três grupinhos alternavam-se, para levar o pequeno-almoço aos necessitados da cidade ou trabalhavam numa fábrica didática, que apoia jovens e pessoas marginalizadas.

Mas não era só isto: a necessidade de um profundo relacionamento com Jesus era evidente em cada experiência. Os momentos da Missa e da adoração foram muito intensos, com um relacionamento íntimo com Jesus que se prolongava.

Surgiu a forte necessidade de continuar esta comunhão. Há uma enorme vontade de partilhar experiências, iniciativas e de se ajudarem reciprocamente, também através de viagens e geminações entre zonas.

Para além do envolvimento no «United World Project» e da participação na próxima etapa, na Índia, projetaram-se «escolas» em diversas Cidades, um novo encontro no verão de 2015 e um encontro mundial, em simultâneo com a a próxima JMJ, em 2016, na Polónia.

*p. Klaus Hofstetter, Sameiro Freitas,
Marco Bartolomei*



Medicina Diálogo Comunhão

Por uma política sanitária diferente

No Brasil, em São Paulo, o segundo Simpósio da Associação «Saúde Diálogo Comunhão» envolveu médicos e instituições de várias partes da América Latina

«Saúde integral. Desafios e perspectivas na América Latina». Este foi o título do Simpósio promovido pela Associação «Saúde Diálogo Comunhão», expressão brasileira da Inundação da Medicina, que se realizou em São Paulo, nos dias 23 e 24 de agosto, com uma centena de participantes.

O evento foi de grande atualidade, como salientaram autoridades da Associação Paulista de Medicina (APM). A doutora Sara Turcotte, presidente do Departamento de Medicina Familiar e Comunitária da APM, evidenciou a importância do Simpósio, por se ter realizado num momento político do Brasil e de muitos outros países da América Latina, em que é urgente encontrar uma política sanitária diferente. Também foi re-

apresentado no Simpósio, «pelo seu valor e relevância social, está destinado a propagar-se». Também o confirmava a dimensão latino-americana do evento, pela participação de médicos e docentes universitários da Argentina, do Paraguai e do Chile, facto que marcou um novo passo, com a criação de uma rede continental permanente.

O projeto de Saúde integral, apresentado pela Prof. Flavia Caretta, responsável pela inundação da Medicina a nível internacional, foi enriquecido por pesquisas e experiências apresentadas por várias pessoas. O projeto focaliza a centralidade da pessoa na sua globalidade e a prioridade dos relacionamentos diante de uma Saúde onde a extrema especialização e tecnolo-

gias de vanguarda tendem a reduzir a medicina à pura dimensão biofísica do homem. Também salienta a estreita relação entre desigualdade social e saúde, sendo o desequilíbrio socio-económico uma causa relevante das mais graves alterações patológicas.

Vários professores de universidades do Brasil, do Chile e do

Paraguai evidenciaram, do ponto de vista científico, o impacto positivo da espiritualidade no estado de saúde. Impressiona como, sobretudo por iniciativa dos nossos professores, a espiritualidade começa a entrar nas universidades, sendo integrada também nos *currículum* de formação.

Carla Cotignoli



levante o facto de o Simpósio se ter realizado na sede da Associação de Medicina de São Paulo, com a efetiva colaboração desta Associação que congrega 20 mil médicos.

O Dr. Ruy Tanigawa, membro do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, reconheceu que o modelo de Saúde integral

Ética e estética da profissão, hoje

Com o Etna (Sicília) por detrás, «explodiu» um verdadeiro «vulcão» de ideias, projetos, sinergias e redes entre cerca de 30 participantes na primeira Summer School de Psicologia e Comunhão, realizada de 28 a 31 agosto, no Centro Mariápolis «Três tendas», da Catânia



O convite, dirigido a jovens psicólogos, estudantes e especialistas, foi aceite por jovens provenientes da Espanha e de várias regiões da Itália. A presença no grupo de uma estudante de Sophia e de uma jovem psicóloga, ambas brasileiras, ajudou-nos a ter um olhar culturalmente amplo sobre a nossa disciplina.

Já há algum tempo que sentíamos a urgência de criar um espaço específico, para estar com os muitos jovens que nos acompanharam nos congressos internacionais e nos vários seminários na Itália, na Áustria, em Espanha e no Brasil.

O objetivo da Summer School, ouvindo as exigências de muitos deles, foi pôr em diálogo as orientações provenientes da Psicologia e Comunhão, com os desafios que as profissões psicológicas encontram na atual crise social.

O programa e o título que surgiu - «Ética e estética da profissão, hoje» - nasceram de uma intensa troca de ideias; no *Facebook*, um grupo

juntou mais de 100 jovens interessados. E chegámos à Sicília! Num envolvimento crescente, foi uma verdadeira experiência de comunhão vivida juntos, por adultos e jovens.

O programa caracterizou-se por uma grande interatividade e espaços de construção conjunta de perspetivas e de projetos concretos.

Graças ao contributo de Amelia Stellino (especialista em projetos europeus) e Veronica Rosa (especialista em psicologia de comunidade e em intervenção psicossocial de prevenção) pudemos oferecer instrumentos aplicativos que favorecem o exercício do papel do psicólogo nos contextos de crise. Também foram muito apreciados os contributos de Chiara Spatola, co-autora, com a equipa do prof. E. Molinari, da Universidade Católica de Milão, de um artigo sobre o momento presente na visão de Chiara Lubich, e de Benedetta Ferrone, que contou a sua experiência de tese de licenciatura magistral em Psicologia, na Universidade de Chieti-Pescara.

As videoconferências, com quatro professores universitários (dos EUA, da França e da Itália) e com os jovens do Brasil, que pouco antes tinham concluído o 6º Congresso nacional, deram a percepção dos horizontes vastos de *psy-com* e dos primeiros passos concretos de investigação que os próprios jovens estão a dar, identificando pistas psicológicas no pensamento de Chiara.

Anna Funicelli, pela comissão de psy-com

Voluntários e voluntárias

Uma viagem ao continente asiático

Em Hong Kong, um congresso internacional dos dois ramos, com a participação de 220 pessoas de vários países da Ásia

Metrópoles modernas e culturas milenares, lugar de compromisso absoluto e concreto para com as periferias existenciais, desejo de totalitariedade e fé a toda a prova. Se o continente asiático nos recebeu com as suas belezas e os seus desafios, o povo de Chiara recebeu-nos com muita alegria e amor para exprimir a gratidão de todos pela nossa presença.

Tínhamos sido convidados para o Congresso internacional dos dois ramos, que se realizou em Hong Kong de 31 de maio a 2 de junho: 220 participantes, voluntárias e voluntários da Zona de Hong Kong, e delegações da Coreia, do Japão e de Singapura e um grupo de Gen, na qualidade de observadores e observadoras.

O Congresso ultrapassou todas as nossas expectativas, porque Deus vai muito para além de todas as expectativas.

A experiência mais forte foi verificar a força do Carisma, que tem em si a graça de «fazer de todos um». Muitos povos, um só povo: o povo de Deus.

«Jesus no meio – como muitos disseram

com profunda comoção – venceu todas as dificuldades e culturas. Deixámos para trás o peso dos conflitos da nossa história e conseguimos viver juntos para construir a fraternidade. Agradeço o Amor de Deus que realizou o nosso sonho de comunhão com a Ásia. Todos os dias ouvimos as notícias negativas da política nos nossos países, mas a unidade construída aqui é mesmo verdadeira. Quero colocar toda a minha confiança neste pacto de unidade»

O aprofundamento da nossa vocação colocou em relevo como, na escolha radical de Deus, na liberdade e no empenho da vida ideal personalizada – quer individualmente quer em conjunto – se encontra a harmonia vital entre o Céu e a Terra, inata na cultura asiática. Maria, na sua Assunção, é o nosso verdadeiro modelo. Foi muito importante falar-se de Humanidade Nova. A sua história e a sua metodologia, para se viver com Jesus no meio, realçaram as raízes da nossa ação na renovação da sociedade. Com Foco, cofundador com Chiara, abriu-se o carisma à humanidade. *«Ao aprofundar a nossa vocação como Humanidade Nova e ao ouvir as*





Giò Vernuccio em Hong Kong nos anos '60

Um pouco de história

O Ideal chegou a Hong Kong entre 1960 e 1970, com as primeiras e primeiros focolarinos. Em 1975 formou-se o grupo inicial de pessoas que sentiram a vocação de seguir Deus como voluntários de Deus. Começaram a frequentar os encontros da Palavra de Vida. Muitos foram aprofundar a sua vocação na escola de formação de Tagaytay (Filipinas) em 1980, ficando impressionados com o

testemunho de uma vida ideal encarnada. Em 2012 houve uma escola para voluntárias em

Cadine (Trento), onde esteve presente um bom grupo de algumas zonas da Ásia. Renovaram o convite para uma futura viagem àquelas terras. Atualmente o número de voluntárias e voluntários é cerca de 160. Há em todos o desejo de viver a vocação com totalidade, oferecendo livremente o tempo e as forças para transformar a sociedade.



Maio de 1987. Chiara com algumas voluntárias asiáticas

experiências apresentadas, abriu-se um novo horizonte. Com Jesus no meio quero levar o Ideal à sociedade», comentou um dos presentes.

Era evidente o desejo de sabedoria, de respostas e de confirmações, sobretudo no que se refere ao modo de agir e às opções partilhadas no núcleo e na comunidade, para viver em concreto na própria zona de residência e para se sair em direção às periferias existen-

ciais, respondendo aos desafios da sociedade.

Foram muito fortes as experiências, testemunhos de vidas de família, de comunidade, de ações sociais levadas a cabo nas várias áreas. (ver página seguinte).

A unidade vivida com os Delegados da Zona, juntamente com as focolarinas e os focolarinos, dilatou o coração de todos em função de uma mais profunda dimensão da Obra.

O Congresso concluiu-se com uma festa, que expressou uma explosão de alegria, beleza e harmonia.

Seguidamente, uma viagem de alguns responsáveis a Macau, acompanhados da Florinda, voluntária e ministra do Governo daquela cidade. Um momento





intenso foi o encontro com o Bispo, a quem falámos do nosso Congresso. Encorajou-nos a lançarmos o Ideal. Despedimo-nos com a sua bênção e com o empenho de sermos, por toda a parte, apóstolos da fraternidade.

Uma última impressão: «*Recebi a graça de aprender a viver na escola da trindade, renovando o meu 'SIM' a Jesus Abandonado. Com Ele desejo viver em unidade com os outros membros da Obra, dizendo a Deus: "Usa-me" para que se realize o "Que todos sejam um"*».

Maria Ghislandi e Paolo Mottironi

Experiência de vida

«Rainbow Dream Project» Na Coreia, um Projeto para uma educação da personalidade

Há dois anos um sacerdote voluntário, diretor de uma escola católica, convidou algumas voluntárias a realizar encontros de Palavra de vida na sua escola. Atualmente, participam 51 professores e 700 estudantes. Tendo tido a oportunidade de visitar «Sungsimdang Bakery», uma empresa de Economia de Comunhão de um casal de voluntários, gerida segundo os sete aspetos, teve a ideia de pôr em prática este sistema na direção da sua escola. No último Verão, os professores participaram num retiro de férias, juntamente com os voluntários e as voluntárias da Obra. O programa do retiro foi sobre a vida da Palavra e sobre as cores. Este encontro teve um grande sucesso.

A seguir foi criado o «Rainbow Dream Project», um projeto para a educação da personalidade, que recebeu um louvor, com um prémio em dinheiro atribuído pelo Ministro da Educação.

Esta iniciativa está agora a estender-se a outras paróquias.

Centro de bem estar

Maria Gloria (Xiao Bai), voluntária chinesa, sentiu sempre e com profundidade o desejo de viver o seu trabalho de modo coerente com o Evangelho. Há alguns anos, uma empresa onde ela estava empregada com uma posição muito boa, pediu-lhe para agir de uma forma inadequada a fim de obter lucros ilícitos. Como cristã, sentiu que não podia enveredar por esse caminho, consciente de que isto poderia vir a colocar em risco o seu posto de trabalho. De facto, assim foi. Posteriormente, teve a oportunidade de abrir um Centro de Bem Estar, onde são prestados serviços de massagens. Muitas vezes estes Centros abrem-se também a outras "práticas", como a prostituição. Maria Gloria sabe que deve colocar Deus em primeiro lugar. Os lucros são menores, mas, para ela, a relação com Deus e com os irmãos é o mais importante de tudo. Indo contra a corrente, com o marido, dá testemunho de uma vida vivida à luz do Evangelho. Com os empregados constrói uma relação de amor, respeito e atenção às vicissitudes pessoais de cada um. Depois de uma sua proposta de escolher uma casa de repouso para idosos como meta de uma excursão da empresa, agora os empregados vão lá visitá-los, diminuindo também a solidão destes idosos.

Focolares temporários

Em viagem com Jesus no meio

A experiência feita em conjunto por pessoas de várias vocações, da Obra.
Relato de alguns dos protagonistas

Na Bielorrússia

Fomo quatro à Bielorrússia: dois voluntários, Tomasz Okoński e Jadwiga Dziwiakowska da Polónia, e duas focolarinas, Dori Fialovszky da Hungria e Nataliya Karavatskaya da Bielorrússia. O profundo desejo de todos era viajar neste país com Jesus no meio, nas 24 horas do dia.

A primeira etapa era no Norte, onde

é o trabalho nas paróquias. A novidade deste ano vai ser viver com a consciência de serem uma única família, no desejo de viverem uns pelos outros e para as pessoas à volta, especialmente pela Igreja. Fizemos, pela primeira vez, uma verdadeira jornada gen4 para as crianças que não podiam ir à Mariápolis.

A segunda etapa foi **Minsk**, a grande capital, no centro do país, onde existem muitas famílias que conhecem o Ideal. Aqui o focolar temporário enriqueceu-se com um casal (uma focolarina casada e um voluntário) da Polónia: Graz-yna e Stefan Soszyn'scy. A sua experiência de vida de família e sobre a educação dos filhos foi muito apreciada.

Desenvolveram-se também os contactos com os nossos amigos ortodoxos do Instituto Teológico local, com quem se fizeram novos projetos de colaboração. Cresceu, sobretudo, uma amizade, a estima recíproca, o apoio uns dos outros.

A última etapa foi a Mariápolis em **Baranowicz**, no sudeste do país, preparada e realizada em grande parte pela comunidade local, em unidade com o focolar. As comunidades estão ainda a formar-se aqui e as experiências e o diálogo nos grupos abriram novos horizontes, com diversas ideias para o futuro, para se tornarem ainda mais «uma família». Foi evidente o empenho por viver mais com e para as novas gerações.

existe uma pequena comunidade e algumas pessoas que conheceram o Ideal. A sua generosidade, a hospitalidade, e o abraço quotidiano das dificuldades pessoais e alheias, a profundidade da fé vivida na simplicidade de uma pequena cidade, **Pastavy**, e das aldeias à volta, faziam ecoar na alma as palavras do Evangelho «Bem-aventurados os puros de coração, porque hão de ver Deus (Mt 5,8). A característica específica daquela comunidade





Contam experiências tremendas, que fazem todos os dias. Temos só que aprender. Nas suas vidas, o Ideal impregnou o pensamento, o coração, a alma, sublimando, sem mortificar as suas convicções e culturas. A inculturação é o pão de cada dia.

O bispo de Namibe, Dionisio

Em Angola

Fomos para Angola – escreveram a Regina e o Claudio Parisi, empenhados de Famílias Novas da zona de Nápoles - com a mensagem da Emmaus de nos centrarmos na unidade entre nós e com todos os nossos do lugar. Quando lá chegámos, ficámos surpreendidos por verificar que os filhos de Chiara são todos iguais, até nos lugares mais perdidos do mundo. Fiéis ao Carisma, generosíssimos e responsáveis, heróicos em procurar realizar a unidade.

As nossas comunidades, vivíssimas a partir dos gen3 - que são muito numerosos - com quem estivemos na capital **Luanda** e nas províncias de **Namibe** a 500 km ao sul e de **Uige** a 300 km para leste, são constituídas por colunas, com quem se pode mesmo contar. Testemunham o Ideal de um modo cristalino na vida dura que têm, uma vez que só a sobrevivência é um desafio a vencer dia após dia. Vivem da providência, que chega pontualmente. Muitos conheceram o Ideal dos modos mais impensáveis e viveram-no desde os anos 70, a época pós-independência. Outros, nos duros anos da imposição comunista e os últimos nos 10 anos de guerra civil, de 92 a 2002 que invadiu o país, dividiu famílias e destruiu os corações. Tendo sobrevivido a estes trágicos anos, podia-se escrever um romance da vida de cada um, em que Deus-Amor os preservou da morte e escolheu um a um: são uma esperança para o país. A normalidade deles pareceu-nos de uma heroicidade inalcançável.

Hisilenapo, fez-nos entrar um pouco na cultura africana, dando-nos uma panorâmica das várias características dos grupos étnicos, e explicou-nos o conceito da família. O vigário episcopal, responsável pela pastoral familiar, um sacerdote e um religioso que conhecemos enquanto estávamos à espera de um encontro, quer participar nas respetivas escolas, em Loppiano.

Foram esplêndidos os colóquios com alguns gen casados e focolarinos casados externos. São uma esperança! Esperam ansiosamente a abertura do focolar masculino.

O núncio Novatus Rugambwa recebeu-nos de uma forma surpreendente e comunicou-nos os sofrimentos desta Igreja perseguida. Existe uma fidelidade heroica e testemunhos de coerência.

Em duas dioceses, fizemos encontros sobre a pastoral familiar em que participaram, além dos sacerdotes encarregados, também os responsáveis e os membros de vários Movimentos eclesiais.

Num mundo onde o contraste entre a riqueza desenfreada e a pobreza mais miserável é insuportável, as focolarinas e os religiosos são verdadeiros heróis. Tomam ao seu cuidado, diretamente, muitas crianças e, graças ao apoio à distância de muitos de nós do mundo ocidental, criaram obras de assistência permanente para centenas de crianças, que geram homens-novos.

A nossa filha Filippa, de cinco anos, foi formidável e entrou logo em sintonia com as mui-

tas crianças que ia conhecendo todos os dias. Com muita naturalidade, partilhou com os seus novos amiguinhos as poucas coisas ou alimentos que tinha.

Em Cuba

Começámos a nossa viagem por **Santiago de Cuba** onde a comunidade é madura e florescente. Passámos lá quatro dias, em que estivemos com famílias e gen, num clima de grande alegria, apesar do calor escaldante! Depois fomos para Banes. Éramos três focolarinas (uma que veio da Colômbia) juntamente com duas voluntárias e três gen2, com um grande Jesus no meio e muita alegria por «sair» para uma nova sementeira do Ideal.

Em **Banes**, o grupo dos nossos é seguido por uma aderente e está inserido na vida da paróquia. Assim, com cerca de 25, jovens e adolescentes, vivemos cinco dias de família, aprofundando o Ideal, guiados, sobretudo, pelo modelo de vida de Chiara Luce. Fizemos um programa com jogos, a formação na vida das cores, comunhão, conhecimento da Obra, ateliers de artesanato, momentos de passeio, visita a alguns idosos nas suas casas, para levar Jesus entre nós e, nalguns casos, também Jesus Eucaristia.

Vivemos preciosos momentos de amor recíproco, que suscitaram colóquios profundos, um novo impulso a viver o Ideal, a escolha de se ser coerente e ir contracorrente e mudar de caminho.

Depois, o focolar transferiu-se para **Holguin**, com a segunda equipa: outras foco-

larinas, duas voluntárias, uma gen2, e um gen2 que mora naquela cidade, sempre presente.

No primeiro domingo, fomos dois a dois a várias paróquias para apresentar o Movimento e convidar para os encontros. Sentimo-nos recebidos com uma grande abertura e estima por parte dos sacerdotes, que apresentavam o Carisma como uma grande graça para a Igreja e para a sociedade.

Fizemos quatro encontros com os jovens, na Diocese. Um foi especialmente importante pela presença de jovens da Pastoral Juvenil de três paróquias e da Comunidade de Sant'Egidio. Criou-se um grande diálogo e, a partir dali, alguns quiseram participar nos outros encontros que fizemos.

Além disso, fizemos dois encontros para adultos, com pessoas do mundo da cultura e de outros campos, incluindo alguns inseridos nas Pastorais ou no Conselho Diocesano. Todos ficaram muito interessados em aprofundar o Carisma. Estabeleceram-se diálogos intensos e profundos. Alguns querem continuar o contacto com o Movimento.

Outros momentos importantes foram as visitas a pessoas que já nos conheciam, a congregações religiosas, com momentos de profunda comunhão. Encontros pessoais com vários sacerdotes diocesanos,

que nos convidaram a apresentar o Ideal às suas aldeias ou a levar a Palavra de Vida.

Antes de ir embora, fizemos um plano de acção para continuar os relacionamentos estabelecidos nestes dias.



a redacção

Gen Rosso

Indignar-se não chega

Em Nápoles, a banda internacional e o seu projeto «Fortes sem violência» envolveu uma centena de jovens, muitos dos quais de bairros de risco

Fomos a Nápoles, precisamente quando um jovem foi morto por um polícia, que disparou porque a *scooter* em que viajava não parou ao sinal de 'Alto!' e quando ainda se chorava pela morte de outro jovem, vítima de uma luta entre fãs de duas equipas, em Roma. O clima é de revolta e de indignação, a violência parece reinar. É neste contexto que o Gen Rosso vai pela Itália, com o Musical *Streetlight*, lançando sementes de fraternidade. As palavras «*Mas quando o túnel acabar e as estradas se abrirem, iremos ver em cada coisa só o amor*» ressoam, por tudo o que já descrevemos, com maior incidência.

A cidade de Nápoles revela-se, mais uma vez, um terreno fértil para este tipo de mensagens: ao lado dos factos trágicos, do sofrimento pela perda de inocentes, há espaço para uma cultura de diálogo e de legalidade. É um desafio que o Gen Rosso quis lançar com o projeto «Fortes sem violência», que já se desenvolve há alguns anos, inserindo-se na programação de eventos da quarta edição do Forum universal das Culturas.

O projeto englobou cerca de 100 jovens da Campania, dos 14 aos 25 anos, numa experiência artística e social. Alguns deles eram oriundos de bairros de alto risco, como o de Scampia, o da prisão de menores de Nisida. Através de um rápido SMS nas plataformas *social* e um aviso na *web*, marcaram-se encontros de 8 a 10 de setembro para serem protagonistas, juntamente com o Gen Rosso, na preparação de algumas cenas do Musical *Streetlight*.

«Nunca desistas de dar» e «um pelo outro» foram os motes que acompanharam os jovens nos dias de *workshop*, em que experimentaram a alegria de se conhecerem e trabalhar juntos, descobrindo talentos e arriscando com muito entusiasmo. Conseguiram transmitir tudo isto no palco, na noite de 10 de setembro, na realização do *musical*, que contagiou e envolveu os numerosos espectadores presentes.

Foi uma experiência inesquecível que os jovens resumiram em três simples, mas fortes pilares: acolhimento, família e dádiva. «Agora parece óbvio dizer, mas o clima foi estupendo e senti-me mesmo em casa. Vocês são uma família para mim», disse a Savina entre-dentes, e a Emanuele escreveu: «É mesmo para se fazer outra vez». O «obrigado» foi dito em voz alta por todos.

Foram três dias breves, mas intensos, que lançaram os alicerces para um novo desafio: continuar, com passos pequenos e simples, o relacionamento com todos os jovens que esperam ansiosamente, nos próximos encontros marcados. Houve muitos destes jovens actores que se comprometeram publicamente, do palco.

Roberta Formisano



De uma comunidade local no Peru

«Ao amar, encontrei a felicidade»

O testemunho de **Olinda Rosas**, responsável da comunidade local de **Huaycán**, nos arredores de **Lima**



«Desde que conheço o Ideal que aprendi a viver de modo diferente. Chiara dizia-nos que somos todos iguais, mas eu não via isso no meu trabalho.

Quando participei num encontro pela primeira vez, encontrei pessoas de uma outra classe social, superior à minha e eu sentia-me inferiorizada. Mas percebi que somos todos filhos de Deus e que o que nos faz mais importantes é o amor pelos outros. Comecei a amar no meu trabalho, e também no meu bairro, a todos, procurando ajudar os que têm mais necessidades.

Uma das religiosas, onde eu trabalho, precisava de ajuda porque anda numa cadeira de rodas, então uma outra pediu-me se podia estar ao pé dela. Como os meus filhos já estão crescidos, disse-lhe que sim. Quando cheguei a casa, reparei que as formigas tinham comido a madeira toda. Poucos dias depois, a casa desabou, mas, graças a Deus, nós não estávamos lá dentro!

Os vizinhos vieram-me ajudar como podiam. Uma delas, que tinha conseguido melhorar a casa dela, deu-nos guarida enquanto arranjávamos a nossa e disse: «Quando eu precisei, tu ajudaste-me. Agora é a minha vez». Também as

religiosas e a EdC ajudaram-me. Agora a minha casa é de tijolos. Estamos muito felizes por ter uma casa! Eu procuro estar atenta aos outros e Deus trata daquilo que preciso!».

A Olinda contou assim a sua experiência na última jornada da Obra. Foi um testamento, antes da sua partida para o Céu, a 19 de julho passado.

Tinha 49 anos, vividos neste ambiente difícil, de extrema pobreza. Soube perdoar ao marido, quando descobriu que ele tinha uma outra família e conseguiu sustentar e educar os seus nove filhos. O encontro com Deus Amor transformou profundamente a Olinda, que transmitiu aos filhos o perdão e o amor.

Trabalhava numa escola de religiosas, onde deu início a uma cantina para as crianças mais necessitadas, tomando conta dela em todos os sentidos. Mandavam-lhe as crianças mais difíceis. Ela conseguia fazê-las contar os seus problemas, ajudando a resolvê-los, até os mais complicados.

Embora também fosse muito pobre, conhecia as necessidades do seu bairro e ia, por exemplo, levar uma sopinha a quem sabia que estava sozinho e sem comida, mesmo se isso implicava que ela deixasse de comer. Responsável da comunidade local, reunia todos os meses cerca de 50 pessoas para o encontro da Palavra de vida.

Faleceu poucos dias antes da Mariápolis de Lima, pelo que estava a trabalhar com afinco para fazer participar o maior número de pessoas. De facto, da sua comunidade vieram 20, com um enorme esforço económico, mas, sobretudo, com um grande desejo de aprofundar a vida ideal.

M. Augusta de la Torre



D. Morkos Hachim

Encantado com o Ideal

No dia de Santa Clara, 11 de agosto, o bispo emérito de Sohag (Alto Egito), chegou à casa do Pai. Ultimamente a sua saúde tinha piorado. Ao perceber que a sua hora se aproximava, dizia muitas vezes: «Mãezinha, vem buscar-me!».

Nasceu em 1930 em Abusir (Cairo) e, em 1955, foi ordenado sacerdote, na Ordem Franciscana dos Frades Menores. Alguns meses depois da abertura do focolar no Egito, em janeiro de 1982, o Pe. Morkos conheceu as focolarinas: 15 anos antes tinha tido conhecimento da história do Ideal através da *Città Nuova*. No mês de abril seguinte participou no Congresso dos sacerdotes e dos religiosos na Aula Nervi, no Vaticano, mas não pôde concluir a Escola com os outros religiosos porque foi chamado de urgência ao Cairo: tinha sido eleito pelo Sínodo da Igreja copto-católica para Bispo de Sohag.

Por causa da forte experiência vivida em Roma, aderiu de imediato a esta vontade de Deus inesperada, escolhendo como lema para o seu episcopado «o lavar dos pés». Em Sohag, D. Morkos começou a inflamar com o Ideal os corações da comunidade que começava a nascer. Todos os meses, numa sala superlotada, pessoas vindas das aldeias vizinhas ficavam à sua volta para, através do seu testemunho e das suas palavras cheias de sabedoria, se alimentarem da Palavra de vida. Tinha a capacidade de transmitir as grandes verdades teológicas numa linguagem simples. Foi o início de uma vasta sementeira com o desabrochar de várias vocações na Obra. Em 1986 realizou-se, na diocese, a primeira Mariápolis do Alto Egito. Depois de tanto esperar, em 1985, D. Morkos teve a alegria de receber um *pied-à-terre* com duas focolarinas, sendo uma delas a primeira focolarina egípcia, precisamente de Sohag. «Agora, sou um gen4 que quer aprender tudo sobre o Focolar», foi com estas palavras que

deu a notícia à comunidade, que estava reunida.

D. Morkos tinha um grande amor por Chiara e pelo seu carisma. Muitas vezes, em reconhecimento, dizia: «Não sei o que teria sido nem o que teria feito sem esta espiritualidade», e ainda: «Deus deu-me a graça de viver no tempo em que Chiara também viveu».

Tinha uma relação pessoal com ela e punha-a ao corrente dos acontecimentos da sua diocese. Todos os anos, na festa de Santa Chiara, não deixava de a felicitar e parece-nos um sinal que tenha chegado ao Céu precisamente no dia desta Festa.

Era um homem com uma grande generosidade e aberto a todos os diálogos. Com a sua alma de «criança evangélica», D. Morkos demonstrava que tinha encontrado a pérola preciosa que queria dar a todos, sem exceção. Juntamente com as focolarinas e os focolarinos, visitou seminários, congregações, paróquias e aldeias para levar a todos a luz do carisma. Muitas vezes dizia: Azamal! que quer dizer «que grandioso!», em árabe, para exprimir a sua admiração diante da grandeza do Ideal. Com o seu amor concreto, imediato, fazia com que se experimentasse o amor do Pai.

Em 2003, por motivos de saúde, resignou como Bispo e retirou-se para o convento franciscano de Guiza, perto do Cairo. Começou para D. Morkos uma nova etapa. Continuou a participar na vida da Obra, particularmente nos encontros de Bispos, em Roma. Em fevereiro de 2008, esteve presente com o Bispo que lhe sucedeu em Sohag, D. Youssef Abu El Kheir: era edificante a relação de amor fraterno vivida entre eles e que perdurou até ao fim. No seu funeral, realçava-se a sua vida de enamorado de Deus. O Provincial dos franciscanos apresentou-o como «uma pessoa que cumpriu todos os seus deveres dentro e fora da Igreja: foi religioso, pároco, formador, padre espiritual e



guia, confessor e irmão. Revestiu-se sempre de Jesus, até se ter tornado um outro Jesus». Com gratidão, ofereçamos sufrágios por D. Morkos, com a certeza de que agora ele, lá em cima, juntamente com Chiara, com D. Hemmerle e com os nossos mariapolitas celestes, continuará a ajudar a Igreja, especialmente onde é mais perseguida, e a Obra de Maria, empenhada em viver pelo «*Ut omnes*».

Rino Chiapperin

Com Chiara desde 1952

«No dia 28 de junho, Jesus chamou a Si um outro focolarino: Rino, da Mariápolis romana, que conheceu o Ideal nos primeiros tempos. Uma vida inteiramente doada para difundir no mundo o carisma da unidade, desde o Brasil a Portugal, ao Peru e em muitas cidades de Itália. Rezamos com gratidão, tendo a certeza de que o Rino, do Céu, continuará a ajudar-nos a todos no caminho do "Ut omnes". Em Jesus Abandonado-Ressuscitado, Emmaus».

O Rino nasceu em Solesino (Pádua), no dia de 20 novembro de 1931. Em 1952, conheceu o Ideal através de Palmira Frizzera, que naquela ocasião estava acompanhada por Fede Marchetti. O Rino contou: «Lembro-me de todos os pormenores daquela noite de 21 de abril. sobretudo recordo-me da Palmira, uma das primeiras focolarinas. Era tal o fervor com que falava da vida do Evangelho, que me encantou literalmente, a mim e aos outros jovens presentes. Esteve conosco durante quase seis horas, a ouvir as nossas perguntas e a dar respostas maravilhosas, que transportavam a alma para Deus. Eu ia de maravilha em maravilha e, desde aquele primeiro instante, senti o desejo de seguir Deus, só Deus». Em 1953, com um amigo, fui a Tonadico onde se realizava aquele encontro que nos anos seguintes se iria chamar Mariápolis. Chegámos exaustos, depois de termos percorrido 200 kms de bicicleta. «No dia seguinte - contou - tive um encontro que me ficaria na memória para o resto da minha vida: uma saudação de Chiara que me tocou profundamente a alma e, antes do meu regresso a casa, um jantar no seu focolar. Ali, era tal



a presença de Jesus no meio, que se podia sentir com o coração, com o entendimento e com a alma. Eu estava tão concentrado que até me esqueci de comer. Tanto que Chiara, ao ver-me imóvel com a colher na mão, me disse: "Mas agora come"».

O Rino conservou sempre este encanto diante da luz do carisma. No dia 15 de agosto de 1955 entrou no focolar. Estava a decorrer a Mariápolis em Vigo di Fassa e foi o p. Foresi quem lhe disse: «Chiara ficou contente por entrares no focolar». Mais tarde, o Rino disse: «Quando conheci o Movimento dos Focolares, nunca imaginei a quantidade de mudanças que havia de fazer na minha vida! Trento, Florença, Roma, Trapani, Recife, São Paulo, Belém, Grottaferrata, Pádua, Bolonha, Portugal, São Paulo, Centro dos voluntários, Peru e por fim aqui na Mariápolis romana».

Em 1959, Chiara escolheu-o para ir para o Brasil e, no dia 25 de outubro, o Rino, juntamente com Marco Tecilla, Ginetta Calliari e outros focolarinos e focolarinas partiu, de barco, para o Recife, no Nordeste do Brasil. Dava para escrever um livro! Em 1964, por ocasião de uma sua viagem, Chiara falando com o Rino, comunicou-lhe a forte impressão que tinha suscitado na sua alma uma frase tirada do livro da Sabedoria que diz: «Aprendi-a com simplicidade (a Sabedoria), reparto-a sem reservas e não escondo a sua riqueza (Sab 7,13), acrescentou: «*Rino, se tu quiseres, dou-ta como Palavra de vida. Como eu faço, assim debes fazer também tu, dar tudo. Que o teu segredo seja como o meu: dar tudo e sempre*».

Foi um período de florescimento para o Movimento no Brasil e o Rino deu um grande contributo, com a sua corrida apostólica e com o seu grande coração, que não deixava ninguém indiferente. No momento de deixar a Zona, falou deste modo: «Nestes anos procurei trabalhar para que a Obra de Deus resplandecesse e se difundisse o mais possível. O que consegui? Deixo a Deus a resposta. Ele sabe tudo: negligências, erros, misérias e também o positivo que, com a Sua ajuda, consegui realizar. Parto contente porque tenho a certeza que

Deus me ama também a mim, mesmo que seja como a "ovelha tresmalhada". Estou contente pelo clima de família que existiu sempre entre todos e pela unidade verdadeira e fraterna com as focolarinas, que foram sempre maravilhosas».

O Rino viveu em diversos focolares de Itália, depois em Portugal, até que, aos 65 anos, foi para Lima, no Peru. Uma época de fundações para o Movimento naquela nação, que deu origem a muitos frutos. Passados oitos anos, ao deixar o país escreveu: «Jesus no meio com os focolarinos ajuda-me a separar-me de muitas pessoas muito queridas e muito amadas, pondo a minha alma à disposição do trabalho que Deus pensa para mim».

A relação com Chiara permaneceu sempre intensa e vital e, em 2002, escreveu-lhe: «A verdade é que, empenhando-me em viver o "És Tu Senhor, o meu único Bem", centrando a alma e o coração na realidade do momento presente, parece-me que tudo flui de modo extraordinário. As dificuldades não faltam e os limites persistem, mas tudo pare-

ce dissolver-se quase por encanto». «Com o passar dos anos, Jesus Abandonado tem-se feito mais presente e as Suas visitas mais empenhativas... detenho-me a falar durante muito tempo com Jesus, Crucificado e Abandonado, diante de um pequeno quadro pendurado no meu quarto. Mais do que ser eu a dizer-Lhe coisas, procuro escutar o que Ele, com o seu grito, me quer dizer... cada vez me dou mais conta que a verdade mais verdadeira é Jesus Abandonado».

Todos quantos viveram com o Rino, nos últimos anos na Villa Achille, recordam o seu amor especial por Maria, o recolhimento quando se preparava para a Missa e a sua capacidade de "criar família". Com o passar do tempo, as forças físicas foram diminuindo e a sua forte personalidade - que o levava a pedir desculpa com muita humildade - foi-se tornando cada vez mais dócil. Saudava todos os que estavam próximos da morte, a fim de lhes transmitir força e coragem, dizendo: «Vemo-nos em breve», «Tenhamos Jesus no meio».

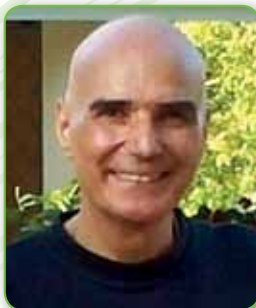
Mario De Rosa

«Obrigado por tudo e para sempre»

«O Mario, focolarino de Roma, partiu para a Mariápolis celeste no dia 26 de junho. Estamos gratos a Deus pelo tesouro que o Mario foi para a Obra, rezamos por ele e pedimos pela sua família. Unida no Ressuscitado, Emmaus».

O Mario nasceu em Gaeta, na província de Latina, no dia 8 de março de 1956. Desde jovem, depois da morte do pai, como conta numa carta a Chiara, «não ouvindo os conselhos da minha mãe, comecei a viver atraído pelas coisas do mundo, fazendo experiências muito negativas, entre as quais a droga».

Chegou quase ao desespero, mas - conta ainda - uma noite «Deus ouviu o meu grito e as lágrimas da minha mãe. A partir daquele momento não desejei senão a Sua vontade». Era o ano de 1980: o Mario procurou uma igreja, perante os olhos incrédulos de quem o conhecia como um marginal, e começou um novo e difícil caminho. E Deus, desde



então, como ele próprio afirma, molda-o com energia e docilidade, com um amor paterno que ia crescendo.

Encontrou o Ideal na comunidade paroquial do sacerdote focolarino Pe. Cosimino Fronzuto, com o qual criou uma profunda relação pessoal. Trabalhava como electricista na construção civil. Escreveu a Chiara: «Espero ser um digno filho teu, como tu queres que eu seja, para que Maria fique feliz». Isto tornou-se uma característica sua até ao fim e correspondia ao seu nome novo «Mario», isto é, «Maria, Morada de Deus», e à Palavra de vida que Chiara lhe deu no dia 6 de fevereiro de 1991: «Se alguém me tem amor, há-de guardar a minha palavra, e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada» (Jo 14,23). O Mario sentiu a chamada ao focolar.

A sua chamada ao focolar deveu-se a um colóquio pessoal com Chiara, em Istambul: foi ela a confirmar-lhe pessoalmente esta vocação e a encorajá-lo a partir para a escola de formação de focolarinos. Depois de Loppiano, voltou para a zona de Roma. Em 1988 escreveu: «... a minha vida converge para dois únicos objetivos: um amor

exclusivo a Jesus Abandonado, único bem, e um amor recíproco vivido de modo cada vez mais perfeito». Enamorado pela Sabedoria, em 1998, escreveu a Chiara: «Um fruto especialíssimo, que desbrochou em mim graças ao estudo realizado com Jesus no meio, foi uma nova e inflamada paixão pela Igreja». Daí o impulso que o fez retomar os estudos. Licenciou-se em filosofia e em psicologia, obtendo a respetiva especialização.

A vida de focolar levou-o de Roma à Turquia, de novo a Loppiano, depois a Nápoles e de novo a Roma. No dia 10 de dezembro de 2006, depois de renovar os votos, escreveu: «Sinto que devo receber tudo, tudo das mãos de Deus. Cada situação de luz, de escuridão, de unidade ou de unidade é um encontro de amor com Deus e com os irmãos. É, por isso, material vivo para a construção de Jesus no meio de nós. Deus escolheu-me para esta vocação... Quero ser, em cada momento, todo Seu e de Maria». Pouco depois manifestou-se a doença e começou um longo período de entradas e saídas do hospital... Percebeu que a maior realização na Terra é construir Jesus no meio, para o que quer «tirar proveito de tudo, durante o dia». No dia 26 de fevereiro deste ano recebeu a notícia que a doença se estava a agravar. Mas, escreveu, «o porro unum (o objetivo) da minha vida é a alegria de poder fixar-me momento a momento na vontade do Pai». De Roma veio para Rocca di Papa, para poder ser mais bem acompanhado e com continuidade nos tratamentos. A partir do momento em que pôs os pés no novo focolar, permaneceu encantado como uma criança, tendo em conta o amor e a atenção com que se sentiu, de imediato, rodeado. «Viver para que nos focolares haja sempre o encanto por esta realidade, como nos primeiros tempos», foi o seu desejo intenso nos últimos dias. O seu sorriso, aperfeiçoado pelo sofrimento, tornou-se luminoso e puro. Sabia que ia morrer. Aceitava e oferecia tudo por essa intenção e não quis ser tratado com terapias agressivas. No dia 26 de julho, lembrámo-nos de uma meditação de Chiara: «Obrigado» e cantámo-la juntos... Ele sussurrou todas as palavras e continuou a repetir sozinho: «Obrigado, por tudo e para sempre». Pouco depois adormeceu, apagando-se durante o sono.

Bruno Braccioni

«Sem reservas ou compromissos»

«No dia 15 de julho chegou à Mariápolis celeste o Bruno, focolarino que vivia há cerca de um ano e meio na Villa Achille. Tinha vindo de Loppiano para a Mariápolis romana, por se terem agravado as suas condições de saúde», escreveu a Emmaus, ao enviar o perfil lido no funeral «para conhecermos melhor o tesouro da sua vida, totalmente doada a Deus, e a sua fidelidade ao chamamento».

O Bruno nasceu em 1929, em Urbania, próximo de Loreto, e viveu numa bela e numerosa família. O primeiro contacto com o focolar teve lugar em 1958, de modo bastante original. Ia a ler um livro espiritual no autocarro, em Turim, e uma pessoa olhou para o que ele estava a ler e perguntou-lhe: «O senhor mora naquela rua... (onde era o focolar)? O Bruno respondeu-lhe que não mas, curioso, foi ver quem morava lá e encontrou os focolarinos!

Do Bruno, dotado de um grande equilíbrio humano, fica impressa a simplicidade, o seu grande coração, o amor concreto, a humildade, que tanto têm em comum com a sua Palavra de vida: «O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem encontra... e depois volta a escondê-lo. Cheio de alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo. (Mt 13,44). Este tesouro escondido descreve muito bem a sua riqueza interior. Sentiu quase de imediato a vocação ao focolar. Escreveu a Chiara, em 1958: «Sinto intensamente na alma o chamamento de Deus a consagrar-me totalmente a Ele ,sem reservas ou compromissos. Encontrei algo que me enche a alma, aquilo que procurava há muito tempo. O que faço para entrar de imediato no focolar? Não tenho nenhum obstáculo que me impeça de dar este passo». No mesmo ano foi à Mariápolis e, numa carta a um amigo, conta-lhe que encontrou Chiara, realçando: «Foi maravilhoso, só o facto de a cumprimentar». Entrou no focolar em 1960, em Turim, depois esteve quatro anos em Buenos Aires,



na Argentina. Voltou a Itália em 1966, esteve durante muito tempo na zona de Trento e em Florença. De 1982 a 2013 viveu em Loppiano, tendo por fim vindo para a Mariápolis romana.

A unidade com Chiara manteve-se sempre viva. Em 1961, escreveu-lhe: «Senti o Ideal entrar no mais profundo da alma e dei-me conta da doação com que devo corresponder ao chamamento de Deus, fazendo a Sua vontade e vivendo com empenho e com amor a Palavra de vida». A sua relação com Maria era muito intensa, de que escreve a Chiara: «Na minha vida, Ela foi sempre a minha guia e o meu amparo. Foi Ela que me fez descobrir o Ideal, que me ajudou nos momentos difíceis e nas provações. Peço a Jesus para me dar um coração puro para A poder amar e oferecer-Lhe o resto da minha vida».

E de Florença, em 1972: «É tão grande o amor de Jesus por mim, que quero dizer-Lhe sempre o meu "sim" com todo o meu ser... O teu diário faz-me descobrir que Ele é o meu Amor, o Esposo da minha vida, faz-me mergulhar n' Ele, viver d' Ele».

Aos 76 anos, a seguir a uma escola de focolarinos: «Nestes dias vivemos com Jesus no meio, numa relação profunda com Deus e entre nós, uma lufada de ar fresco que renovou toda a minha vida. Redescobri-me como uma criatura de Deus, ainda útil para oferecer à humanidade a experiên-

cia vivida em todos estes anos, como uma prenda».

Entre os muitos testemunhos, o de Valerio (Lode) Cipri do Gen Rosso, que viveu com o Bruno durante cerca de quatro anos: «Um focolarino verdadeiro, muito firme no Ideal, uma pessoa livre e de grande pureza interior. A sua serenidade não era um dote gratuito mas o fruto de uma conquista, e a sua afabilidade era consequência da capacidade de domínio da sua forte personalidade». Yannick Clabaut, focolarino enfermeiro: «Vários AVCs tinham reduzido as suas capacidades e o Bruno apresentava-me, de bom grado, como o seu "anjo da guarda" porque o ajudava. Muitas vezes manifestava-se a sua relação com Chiara, de quem realçava a delicadeza de mãe e amparo nas dificuldades. Através das suas memórias, pude conhecer a beleza dos anos de crescimento do Ideal na Argentina, e do focolar de Trieste. Falava da sua família e dos seus pais, muito agradecido pela educação que recebeu. Tinha uma relação muito próxima com as três irmãs e com os numerosos sobrinhos e sobrinhos-netos, que, nas suas visitas a Urbania, se reuniam ao seu redor, mais de 50 de cada vez. Era muito sensível à presença de Jesus no meio. Muitas pessoas ficavam tocadas pela sua natural predisposição para os relacionamentos».

Obrigada Bruno, por quanto recebemos de ti e pela tua preciosa unidade. Vemo-nos no Paraíso!

Josué Sáenz

«*Fixos no Único Bem*»

No passado dia 22 de julho, o Josué, focolarino casado de Bogotá, nasceu para a Vida do Céu, rodeado pelo afeto e pela unidade da mulher Martha e pelos seus três filhos David, Felipe e Santiago, e pela família da Obra. Tinha 59 anos. Foi o primeiro focolarino colombiano a chegar à Mariápolis celeste e deu um exemplo de vida, vivida na simplicidade e na sabedoria de criança do Evangelho. O Josué conheceu o Ideal já casado e, a partir de 1996, começou a participar nas Mariápolis com a mulher e os filhos. Depois frequentou a Escola Loreto de Loppiano. Nos úl-



timos seis anos foi o delegado de Humanidade Nova da Zona, tendo deixado uma luminosa recordação devido ao seu amor concreto e ao acolhimento delicado com que recebia toda a gente.

Quando, em janeiro de 2014, se descobriu a doença grave, escreveu-me: «Senti-me como Jesus no Jardim das Oliveiras, com muito medo mas sabendo que o Pai estava ali e que sou amado por Ele».

E ainda: «Agradeço a Deus por me dar a oportunidade de "dar lustro" a muitas coisas no caminho para a santidade, que Chiara me fez descobrir». No rápido avançar da doença nunca se

lamentou e viveu sempre a rezar e a oferecer tudo pelas pessoas que lhe estavam confiadas, pela sua família e pela Obra. O seu filho Felipe contou que o pai afirmava que a sua doença era um presente, porque via realizarem-se ao seu redor milagres de reconciliação e de unidade. Quando, nas visitas ao hospital, os focolarinos lhe pediam uma «palavra», contava sempre o que estava a viver e a sentir na sua alma. Uma vez disse com força e segurança: «Fixos no único bem». E, de facto, também em alguns momentos de escuridão que aconteciam com o avançar da doença, o Josué permaneceu fiel a Jesus Abandonado. Os focolarinos e as focolarinas de Bogotá ficaram durante todo o dia da sua partida com a sua família, numa atmosfera cheia de amor, podendo-se definir aquelas horas, apesar da dor natural, como um dia de luz.

Foram muitas as mensagens que testemunham a sua vida de doação a Deus: «Quero agradecer a Deus pela sua capacidade de refletir e de escutar, de sair de si e de se doar completamente para encontrar linhas de ação válidas para quem, como eu, precisava de uma "luz". A sua formação de engenheiro, a sua enorme sensibilidade humana e social, para além de uma comovente convicção espiritual, permitiam-lhe chegar rapidamente ao essencial». «O Josué foi um verdadeiro construtor da unidade, fazia tudo para que ela existisse sempre entre todos. Ajudou muito os seus operários, quando não podiam trabalhar por causa de acidentes». «Era uma "criança" pela sua admiração diante das grandes realidades e, ao mesmo tempo, um homem seguro diante das suas responsabilidades. Lembro-me de um facto: depois do trabalho no escritório, quando chegava ao focolar, começava a limpar. Eu olhava para ele pensando que, pouco tempo antes, ele estava a abordar questões de trabalho sérias e agora via-o aqui com a sua espontaneidade, feliz, sorridente, como se estivesse a fazer a coisa mais importante. Só quem tem uma alma de criança evangélica pode fazer tantas "mudanças de cena" de modo tão simples e espontâneo, com tanto amor». Agora, do Céu, o Josué continuará a rodear de amor a sua família e a ser farol luminoso do Ideal para todos do Movimento, particularmente pela sua terra.

Patrizia Incononato



Morrer pela própria gente

Devido a uma doença súbita, partiu para o Céu, no dia 3 de setembro, aos 59 anos, a Patrizia, focolarina casada de

Nápoles.

«Que bonitas são as pérolas, mas sabemos que nascem da dor. Uma pérola é uma ferida cicatrizada pelo amor». Esta foi uma frase que a Patrizia colocou na sua página do facebook e que exprime toda a sua vida.

Conheceu o Ideal com 18 anos. Ficou fascinada e aderiu com generosidade à proposta de Chiara de *«morrer pela própria gente»*, dando um forte impulso ao desenvolvimento do movimento gen em Nápoles. Licenciada em Sociologia, foi professora do ensino básico com muita competência e criatividade. Nos primeiros anos da década de 80, casou-se e teve dois filhos, Mariano e Chiara, agora com 31 e 27 anos. O chamamento a dar-se a Deus como focolarina casada foi amadurecendo. Em 1984 escreveu a Chiara: «Nestes dois dias de encontro colocaste dentro de mim uma nova dimensão do amor a Jesus Abandonado. Senti que tudo caía... e que eu devia ser este vazio completo sempre, para poder ser só Amor!». Inesperadamente, o seu casamento entrou em crise. Ela própria contou: «A nossa família foi sempre uma família unida, com uma vida simples, com muito amor e respeito mútuo. Sentia-me uma pessoa cheia de sorte, até quando, no nosso casamento, se manifestou um desconforto inesperado que depois se transformou numa rotura. Foi para mim como um ciclone: como pode Deus, que é Unidade, permitir uma separação? A resposta encontrei-a em Jesus Abandonado. Mas como é difícil amá-Lo com esta roupa!» Uma focolarina casada, com quem a Patrizia partilhou esta provação, escreveu a este propósito: «O seu sofrimento foi muito grande, às vezes angustiante, mas sempre aceite e expresso com mansidão. Para ela, era natural permanecer na fidelidade total quer ao

Esposo da alma quer ao marido... Deixou sempre, quer a porta do seu coração, quer a porta da sua casa, abertas ao perdão, ao acolhimento, permitindo que os filhos continuassem a amar ambos os pais. A Patrícia tornou-se um verdadeiro ponto de referência para um grupo de pessoas separadas. O sofrimento fez que com se abrisse ainda mais às necessidades dos mais marginalizados, sobretudo num bairro particularmente degradado, chamado «Lote zero». Com a inteligência do amor, com humildade soube sensibilizar e envolver os habitantes e as instituições e desenvolver projetos a favor dos mais pequenos e dos últimos, sem parar diante das grandes dificuldades que encontrava. Apareceram recursos e coisas boas e agora o bairro chama-se «Lote infinito».

Simultaneamente intuitiva e profunda, sem-

Mary Cunningham

Tanto amor pela Obra

No dia 9 de setembro a Mary, focolarina na Irlanda, partiu serenamente para a Mariápolis celeste depois de uma longa doença. Tinha 68 anos e nasceu em Liverpool (Grã Bretanha). Era filha de pais irlandeses e a primeira de seis filhos. Nos anos '60, ainda estudante, conheceu o Ideal por intermédio da Vale Ronchetti que, da Bélgica, com a Eli Folonari e a Lella Sebesti, visitava com frequência aquele país. Mary inseriu-se de imediato na pequena comunidade que começava a nascer, dando a muita gente o tesouro que tinha encontrado e construindo relacionamentos verdadeiros e profundos com pessoas que passou a seguir sempre com amor. Em janeiro de 1969, depois de ter obtido a licenciatura em Francês e Espanhol, foi para Loppiano, juntamente com a Lesley Ellison, a primeira focolarina anglicana. De lá escreveu a Chiara: «Percebi que a solução de todos os problemas, os nossos e os do próximo, está no amar Jesus nos outros e que, para nós, não existe caminho de saída senão em Jesus Abandonado». Depois do período de formação, a Mary foi para a Irlanda e foi uma "coluna" do primeiro focolar de Dublin. Naquela altura escreveu a Chiara: «Agradeço-te infinitamente não só por nos

pre lançada para o «Ut omnes», deu um grande contributo na construção de Jesus no meio no focolar, vivendo com radicalidade a Palavra do Evangelho que Chiara tinha escolhido para ela: «Eu sou a videira, vós sois os ramos» (Jo 15,5).

Foram muitos os testetemunhos que chegaram. Um dos gen do seu tempo escreveu: «É com muita dor que recebo a notícia da Patrícia, com quem partilhámos os ideais e o Ideal desde jovens. Sonhos, aspirações, impulsos, canções, música. E, mais tarde, os sofrimentos da vida, os cortes que absurdamente nos e lhe foram pedidos... Fica só "nós acreditámos no amor"... e a certeza de que a fraternidade construída vence até a morte». Ao pensar na Patrícia, agora na Mariápolis celeste, rezamos por ela e confiamos os seus filhos a Nossa Senhora.

teres dado o Paraíso, mas também por nos teres mostrado o caminho para começar a encarná-Lo na Terra».

Mary, com o seu característico humor, ajudava muita gente. Ao mesmo tempo, porém, começaram a surgir momentos de provações com escrúpulos que muitas vezes lhe tiravam a paz. Passou, seguidamente, um período em Inglaterra, em que se achou oportuno, para a sua saúde, que morasse perto do focolar. Uma experiência que anos depois comunicou a Chiara: «Foi muito difícil... mas agora, Chiara, posso dizer-te que tudo, tudo foi amor de Deus e de Maria... Tenho uma paz profunda e vejo continuamente o Ideal reflorescer a partir de dentro como uma fonte nova... Não devo preocupar-me em fazer grandes coisas, basta que me una a Jesus no meio, no focolar, e faça a vontade de Deus para dar o meu contributo à Obra». Nos anos '80 voltou para a Irlanda e foi lá que, em 1999, lhe foi diagnosticada uma esclerose múltipla. Forçada, num curto espaço de tempo, a viver numa cadeira de rodas, foi perdendo progressivamente, quase por completo, a visão. Em 2004, Chiara, durante a sua viagem à Irlanda, agradeceu à Mary a sua vida e escreveu-lhe entre outras coisas: «O teu contributo de unidade é precioso e agradável a Deus, porque está enraizado em Jesus Abandonado. Sabemos que Ele é a causa



de todas estas graças especiais que estão a acontecer nestes dias». E quando a foi visitar disse-lhe: «Tu és o meu banco, Mary!», palavras que ela conservava no coração e que lhe davam um grande impulso para viver a vida como uma graça, sempre com um sorriso lindíssimo e a agradecer qualquer atenção recebida, por mais pequena que fosse. Mary foi hospitalizada de urgência devido a uma pneumonia. Os nossos, da comunidade local, disponibilizaram-se para assegurar Jesus no meio. Na noite do dia 8 de setembro, teve um momento de escuridão. Pensava que nunca tinha vivido o Ideal e o sacerdote, que estava lá com uma focolarina, assegurou-lhe que isso era uma tentação para pôr de parte de

imediate. A provação passou, a paz voltou porque, como a Mary tinha escrito a Chiara, «Jesus trabalha o nosso nada e nós devemos apenas acreditar no Seu Amor». Com um fio de voz, disse que gostaria de rezar o terço e a força com que pronunciava as Avé Marias era surpreendente. Estava radiante! Voou para o Céu enquanto dormia, em silêncio, tal como foi a sua vida. Foi sepultada ao lado de Lieta Betoño, no pequeno cemitério da Cidadela da Irlanda. Mary viveu com « plenitude a frase do Evangelho que Chiara lhe tinha dado: «Faça-se em mim segundo a Tua Palavra» (Lc 1,38)». E agora, lá de Cima, ajudar-nos-á a desenvolver a Obra que tanto amou.

João Carlos Pompermeyer

Grande promotor da EdC

No dia 2 de julho, o João Carlos, com 78 anos de idade, chegou à casa do Pai, rodeado pela mulher Adda e pelas filhas Fernanda, focolarina, e Renata, religiosa clarissa.

Tendo nascido em Bento Gonçalves, no Sul do Brasil, foi o primeiro responsável dos voluntários da Zona de Porto Alegre. Em 1977, com Adda, participou num encontro de Famílias Novas, tendo ficado encantado com o Ideal. Chiara deu-lhe uma Palavra de vida: «Quem faz a vontade de Deus é meu irmão, minha irmã e minha mãe»(Mc 3,35).

Dedicou-se desde jovem a muitas obras sociais e paroquiais. Juntamente com a Adda foi um exemplo de vida cristã para as filhas, tendo ambas seguido Jesus numa vocação totalitária.

Engenheiro civil e homem de negócios de reconhecida competência, foi também, durante 51 anos, membro do conselho de administração do *Hospital Tacchini* - que agora é uma referência na região da Serra Gaúcha, onde se situa a sua cidade - e trabalhou gratuitamente na sua ampliação e reconstrução.

Quando Chiara, no Brasil, no ano de 1991, lançou a Economia de Comunhão, aderiu com paixão e contribuiu de forma determinante para que se tornasse uma realidade, concretamente na consti-

tuição da ESPRI, empresa gestora da construção do Pólo Industrial Spartaco. Durante 20 anos, ia todos os meses à Mariápolis Ginetta, a quase mil quilómetros de distância da sua cidade, para participar na reunião do Conselho. Muitos empresários encontraram nele um valioso conselheiro, pronto para ajudar em todas as situações. Na diocese de Caxias do Sul, João Carlos construiu e restaurou igrejas e obras sociais. No Movimento, foi decisiva a sua colaboração em numerosos projetos de casas, centros, salas para encontros, capelas... Saad Zoghreib, que foi delegado de Zona, recordou-o assim: «Só a sua presença já comunicava segurança e os pessimismos caíam por terra. Apresentava soluções e, com poucas palavras, gerava o entusiasmo». Foi um grande promotor de *Cidade Nova* fazendo muitíssimas assinaturas.

Atingido por uma leucemia linfática, viveu os últimos anos com o espírito que sempre o animou: Deus era o seu tudo. Homem ativo, eficiente, com a doença sentiu-se muito limitado e era-lhe difícil não poder trabalhar mais, mas, à pergunta se estava preocupado com o futuro, respondeu: «Coloquei-me sempre nas mãos de Deus. O que tiver de acontecer, acontecerá. O que conta é fazer a Sua vontade». Nos últimos dias, disse com muito esforço; «Quero agradecer a Deus por tudo o que fez por mim».



Fernando Rossi

Leen Van Kersavond

Pioneira fiel

Leen, voluntária, mãe de Lut, focolarina na Suíça, e pioneira da Obra na Bélgica, tinha conhecido o Movimento em 1966, no seu país onde, ao redor de um casal, irradiava a novidade do carisma. Com o marido, Pierre, começou a viver o Ideal. Ambos seguiram Chiara na vocação de voluntários. Leen aproximava-se de cada um com um amor silencioso. Muito atenta nas pequenas coisas, fazia-se presente quando era necessário, partilhando alegrias e dores. Recebeu de Chiara a Palavra de vida: «Disto conhecerão que sois meus discípulos; se vos amardes uns aos outros» (Jo 13,35). Em 1994, com Pierre, passou oito meses na zona da Argélia, em contacto com um mundo totalmente diferente, para ela muito difícil. De volta à Bélgica, por motivos de saúde do marido, começaram em Antuérpia o diálogo com o mundo muçulmano, diálogo que continua e se aprofundou. Jesus Abandonado apresentou-se-lhe de modo muito forte com



a doença e a morte de Pierre. Apesar da dor e sem a sua ajuda concreta, Leen continuou a amar, vencendo os momentos difíceis também no acompanhamento da

filha Veerle, jovem mãe com uma doença muito grave. Ajudou-a a «desapegar-se» da sua família e a confiá-la a Deus, até que a Veerle pôde «partir» serena e abandonada no Amor do Pai.

A vida de unidade no núcleo era a sua força: o último encontro, uma semana antes da sua morte, encheu-a de alegria, com uma meditação de Jesus Abandonado. Com um carácter talvez inquieto, desde há alguns meses tinha encontrado paz e serenidade, sinal da sua união com Deus. No dia 3 de julho, com 76 anos, partiu de repente para a Mariápolis celeste.

Maria Verhegge

Claire Bouvrette

Protagonista no Québec

Voluntária de St-Jérôme, no Québec (Canadá), a Claire partiu para o Céu no dia 18 de julho, com 81 anos de idade. Conheceu o Ideal através dos Irmãos das Escolas Cristãs e acolheu na sua casa centenas de pessoas do Movimento que chegavam, de vários Países, ao Canadá: era uma figura materna, pronta a recebê-las como se fossem da sua família. A Claire foi protagonista no transmitir o carisma da unidade. Criava uma atmosfera de família de um modo natural e, durante anos, acompanhou a comunidade que se tinha difundido em Montréal, em especial com os encontros de Palavra de vida. Gostava particularmente de uma frase do Evangelho: «Procurai antes de tudo o reino de Deus e tudo o resto vos será dado por acréscimo» (Mt 6,33). Até ao fim, a sua capacidade para reunir pessoas ao seu redor, fez com que a sua família e os seus amigos mantives-

sem elos de fraternidade, que permitiram superar situações muito difíceis. Tinha os pés na terra. Recordava frequentemente a todos os que estavam próximos dela que não nos tornamos santos fazendo grandes discursos, mas amando de maneira concreta e aceitando cada um incondicionalmente.

A Claire tinha também um amor especial pelas focolarinas e pelos focolarinos. O seu filho Michel é um focolarino casado. Gostava de os chamar: os seus «pequenos». Levou alegria também à casa de idosos onde passou os últimos dois anos: gostava de cantar, não hesitava em dançar, se isso servisse para construir serenidade. Até ao fim perguntava, a quem a ia visitar. «Como estás?» pondo de lado as suas difíceis condições. Agora temos no Céu mais uma protetora do Movimento, no Canadá.

Hortensia Lopez



Ercole Bergamaschi

«Vamos em frente»



Aquela atenção às periferias existenciais de que o papa Francisco fala atualmente, foi a nota que caracterizou a vida do Ercole, agricultor, voluntário de Parma (zona de Bolonha). Era um homem de paz, de boa vontade, inteligente, exigente consigo próprio e dotado de uma boa dose de boa

disposição, o que o tornava simpático para com todos. Era um cristão autêntico, presente e muito dinâmico em muitas realidades da região e da paróquia e promotor de muitas iniciativas. No final do anos '60 conheceu o Ideal, encontrou o sentido para as suas iniciativas e muitos amigos com quem partilhar a sua experiência. Participou, para acompanhar outros jovens, no primeiro Genfest.

Foi responsável de um núcleo de voluntários, foi muito participativo na *Città Nuova* e na Cooperativa «Loppiano Prima». Falava sobretudo através do seu exemplo, assumindo as necessidades de muita gente: para ele não existiam barreiras de credo religioso, de cultura, ou de condição social. Há dez anos aceitou com coragem uma grave doença, ajudado pela família, com a certeza de realizar também aquela vontade de Deus. Era mais fácil ouvi-lo interessar-se pela doença dos outros do que falar da sua. Nos últimos tempos, quem o ia visitar ao hospital recebia dele uma saudação, um sorriso ou uma brincadeira com graça. Ercole olhava para o alto. Vivia já numa outra realidade, muito maior. Uns dias antes de partir, no dia 23 de abril, com 74 anos, com gestos e sinais, confirmava o seu querer viver cada momento com plenitude. As suas últimas palavras: «Vamos em frente» evocam a vontade de receber cada instante como uma graça de Deus, com o verbo no plural para dar o sentido a um caminho feito, e a fazer, em conjunto com muitas pessoas.

Antonio Olivero

Lucia Marina Colangelo Di Cecca

Primeira voluntária de Gaeta

Lucia foi a primeira voluntária de Gaeta (zona de Roma): o encontro com o Ideal, através do Pe. Cosimino Fronzuto, foi o ponto de chegada na sua procura de Deus, e transformou a sua vida. Desde o primeiro momento, a sua paixão de viver



pelos outros envolveu muita gente a seguir o Evangelho e lançou as bases da futura comunidade. Dotada de uma grande capacidade para ouvir, dizia que, como cristãos, temos a responsabilidade de ser «eucaristia para o irmão» e ela foi-o em primeira pessoa, em muitas ocasiões quando, juntamente com outras voluntárias, se dispunha a ajudar em qualquer necessidade que lhe fosse comunicada.

A sua generosidade levou-a, juntamente com o marido a quem tinha envolvido, a receber em casa deles quem estava sozinho: como o caso de uma mãe solteira a quem ofereceram alojamento e ajuda durante o tempo da gravidez. Depois foram ambos os padrinhos da criança. «Mulher forte» da Bíblia, mostrou com os factos como se vive o Evangelho na vontade de Deus do momento presente - tornando-se para muitos exemplo de coerência - em quem se apoiar para reavivar a presença de Jesus entre todos.

Muitos episódios testemunham a sua paixão pela Igreja, de quem foi testemunha fiel com grande espírito ecuménico, encarnando a sua Palavra de vida: «O Senhor é meu pastor: nada me faltará. Faz-me descansar em verdes prados e conduz-me às águas refrescantes (Sal 23,1-2). Chegou à casa do Pai no primeiro dia de junho, aos 90 anos.

Bonaria Gessa

Elisete Maria Ruthes Buch

«Sem medida»

A Elisete conheceu o Ideal em 1965. Desde gen, e devido ao seu testemunho, a sua família e muitos amigos conheceram o Movimento na cidade de Rio Negro, Paraná. Tornou-se voluntária em 1980 e foi, durante muito tempo, assistente gen3 e gen4. Casou-se e teve quatro filhos. Dois deles viveram apenas poucos dias. «Foram as primeiras experiências verdadeiras de Maria Desolada e Jesus Abandonado», dizia a Elisete que, com a sua fé, era o apoio da família nas coisas práticas e espirituais. Pedia diariamente a Jesus, na Missa, a santidade no casamento, para ela e para o marido, confiado-Lhe toda a família e, como fruto da sua fidelidade e do amor a Jesus Abandonado, o marido deixou o alcoolismo.

Tinha palavras sábias e comunicava as suas experiências na luz, no momento apropriado: foi uma dádiva para as voluntárias e para a Obra da sua cidade. Trabalhou muito na formação das gen e, dando catequese, envolveu as outras catequistas com o «dado do amor». Trabalhou também nas atividades da paróquia e ainda outras. Era muito dinâmica, responsável e alegre, aceitava as circunstâncias com serenidade e generosidade, pon-do em prática a Palavra de vida recebida de Chiara: «Porque, se vivemos, vivemos para o Senhor» (Romanos 14,8).

Com bordados e trabalhos manuais ajudou uma neta a abrir uma empresa de Economia de Comunhão, que se desenvolveu graças à sua dedicação.

Devido a uma doença, não conseguia participar com frequência nos encontros da Obra, mas quando podia estar presente dava-lhes um valor enorme. No decorrer da vida confiava-se a Maria muitas vezes, mas



agora fazia-o «sem medida», como dizia. No hospital, procurou dar valor a cada sofrimento, oferecendo tudo pela Obra e pela Igreja. Dizia que tudo era amor de Deus e ocasião para crescer no amor a Ele. Afirmava que sentia a presença de toda a família espiritual «de verdade e isso não era uma utopia!».

A Elisete terminou a sua missão na Terra no dia 22 de outubro de 2013, com 60 anos de idade, e temos a certeza de que está no Paraíso.

Riscelta Lyra

Ir. Philomèna De Rycke

Gratidão pelo carisma

No dia 23 de julho chegou à Mariápolis celeste a Ir. Philomèna, da Bélgica, numa atmosfera de paz e abandono a Deus, oferecendo tudo pela Obra. Tinha 88 anos. Nasceu numa família muito pobre e, desde muito jovem, ajudava os pais indo fazer trabalhos domésticos em diversas casas. Numa delas, o marido, que era ateu, ao ver a sua alegria e o seu comportamento, converteu-se a Deus.

Desde pequena que se sentia atraída por Jesus. Aos 20 anos sentiu a chamada e ingressou na Ordem de S. Vicente de Paulo. Sendo pobre ia para servir os pobres. No convento ficou atraída pelo amor, mas muitas vezes não conseguia encarná-lo. Em 1970 a sua superiora deu-lhe livros de Chiara: falavam do amor e saciavam-lhe a alma. Em 1974, numa Mariápolis, teve o primeiro contacto com o Movimento. Captou o Ideal como uma grande luz. Ela própria contava: «Foi graças a Jesus que lá fui: dentro de mim, Ele dizia: "Vai, é para ti!"». «Antes tinha feito um retiro, uma Via Crucis, mas não O "encontrei". Tocaram-



me fortemente as palavras de Chiara: "Amando os irmãos, encontrarás Jesus". Assim experimentei vê-Lo nas minhas irmãs e encontrei-O em mim! Dava aulas de religião. Quanto mais conhecia a espiritualidade, mais melhorava as aulas». Amava a sua congregação e tinha um afeto muito delicado pelas Irmãs, com um amor de mãe pelas mais debilitadas, desejosa de lhes transmitir o Ideal. Nas dificuldades da comunidade e na saúde frágil encontrava Jesus Abandonado, que amava deixando transparecer apenas alegria e paz.

Durante muitos anos fez parte da secretaria de zona das Religiosas. Com as suas experiências, transmitia o fogo e a alegria de viver o carisma, percebendo a importância que ele tinha para a humanidade. Responsável de um núcleo de Religiosas,

quando não podiam deslocar-se, ia encontrar-se com elas ou organizava o encontro num local mais próximo, a fim de poderem estar presentes. A quem conseguira estar presente, mandava um relatório. Falando dela, elas dizem-nos: «Sabia vencer, com Jesus Abandonado, todas as dificuldades. Irradiava amor na comunidade e fora dela. «Todas as vezes que a encontrava era para mim encontrar novas forças». «Foi um exemplo vivo». Seguiu até ao fim um grupo de 50 pessoas, a quem enviava a Palavra de vida com um pensamento ou experiências. Alguns dias antes de morrer, confiou-as todas ao focolar. Ao ver aproximar-se a sua «hora», disse: «Estou muito grata por ter encontrado o carisma da unidade; ofereço tudo pelo "Ut omnes"».

Maria Verhegge

Os nossos parentes

Passaram à Outra vida: **Rita, mãe de Caterina, Gianni e de Valerio Gentile**, focolarino em Loppiano, **de Carlo Maria**, focolarino em Cebu (Filipinas) e **de Beatrice**, focolarina casada de Turim (Noroeste de Itália); e o **pai de Joseph Kinini**, focolarino na Mariápolis Piero (Quênia); **Gleci, filha de Nely** (voluntária) e **irmã de Aurelio Martins de Oliveira**, focolarino em Recife; o **pai de Célia Teixeira**, focolarina na Cidadela Arco-Íris (Portugal); **Barbara, irmã de Heidi Dürk** focolarina em Solingen; **David, pai de Irene (Sole) Raelison**, focolarina em Loppiano; **Antonio**, pai de **Fausta Giardina**, focolarina na Catânia; **Angelita, mãe de E. Monica (Coris) Reina**, focolarina em Mendoza; o pai de **Ruby de los Santos**, focolarina em Bangalore, Índia; **Mariela, mãe de Victor Agudelo**, focolarino casado de Zurique; **Luciano, pai de Mariangela Vignali**, focolarina no Lazio Norte; **a mãe de Irmgard Knab**, focolarina em Hasburgo; **John, marido de Cherry Rawcliffe**, focolarina casada de Leeds e pai de **Louise** focolarina em Glasgow (Reino Unido); **Samia, irmã de Ghada (Rädast) Karioty**, focolarina na Síria; **Heinrich, pai**

de Birgit (Gitti) Otto, focolarina a Norimberga; **Qamar, irmão de Poulieu Sansoon**, focolarina no Centro Mariápolis Arnold (Sul do Brasil); **Yukio, pai de Kayoko Takahashi**, focolarina em Tóquio; **Lucia, irmã de Elayne (Lála) de Carvalho, Norma, irmã de Giulietta Napoleone**, e o **irmão de Cecilia (Filma) Han**, focolarinas na Mariápolis Romana; **Pasquina, mãe de Maria Lubrano Scotto**, focolarina casada na Mariápolis Romana, **de Pasquale e de Giulia**, focolarinos casados de Nápoles; **Remo, pai de Cesare Borin**, focolarino no Lazio Norte; o **pai de Marienka (Maria) Valigová**, focolarina na Eslováquia; **Libia, mãe de Fatima Mergulhão**, focolarina no Recife; **Rosa, mãe de Nick Fazio**, focolarino na Mariápolis Romana; **Giovanni, marido de Lucia**, voluntária, **irmã de P. Eusebio**, sacerdote focolarino e **pai de Pinella Costanzo Macciotta**, focolarina casada na Mariápolis Romana; **Diva Maria, mãe de Mônica Giongo e José, pai de Helena Bettin**, focolarinas na Mariápolis Ginetta (Brasil); **Luigi, pai de Davide Viganò, a mãe de Ciro Ercolanense**, e **Cesira, irmã de Filippo Mazzone**, focolarinos em Loppiano; **Franco (voluntário), marido de Brunella Iavarone Trapani**, focolarina casada no Lazio sud.

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Setembro e outubro de 2014 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora : Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).



Como tens agarrado o mundo?

O fim-de-semana de 4 e 5 de outubro recebeu na Cidadela Arco-Íris o 2º Meeting JpMU, desta vez sob o tema: "Como tens agarrado o mundo?".

Várias atividades foram dinamizadas com os cerca de 60 jovens (com mais de 15 anos) que participaram. Assim, a vila de Abrigada foi preenchida durante a tarde de sábado com iniciativas sociais. Enquanto um grupo reabilitava um espaço público vandalizado, outros três dividiram-se por lares de idosos. Os jovens interagiram com os idosos, escutaram histórias, lancharam com eles e partilharam algumas canções tradicionais.

Quanto às paredes recuperadas, não foram as únicas a tornarem-se brancas. Nessa noite os jovens vestiram uma peça de roupa branca para celebrar a Festa da Paz, em sintonia com o *Dialogue to Unlock*, um apelo à resolução dos conflitos armados através do diálogo, também dinamizado pelos Jovens para o Mundo Unido.

Mas o mundo unido também se constrói marcando uma posição nos temas mais importantes da actualidade. Por isso, no domingo foram debatidas algumas questões da ordem do dia e votadas entre todos propostas concretas elaboradas em grupo.